

# AUTORES & LIVROS

1-11-1948  
ANO VIII

Diretor e redator: MUCIO LEÃO.  
Gerente: LEONARDO MARQUES.  
Secretário: SERGIO R. VELOZO.  
PREÇO — Cr\$ 2,00

N.º 12  
VOL. IX

## Noticia sobre Luiz Figueira

Nasceu em Almodôvar, Portugal, em 1574 ou 1575, e era filho de Diogo Rodrigues e Mayor Revet. Entrou na Companhia de Jesus em Évora em 1592; nessa cidade fez os estudos de Humanidades, Filosofia e Teologia, e se ordenou sacerdote.

Em 1602 embarcou para o Brasil, destinando-se à Bahia. Ali redigiu a Carta Bial de 1602 e 1603 e durante um ano exerceu o cargo de Ministro do Colégio.

Em 1607, já muito adiantado em seus estudos tupis, parte ele, em companhia do Padre Francisco Pinto e 60 índios, de Pernambuco para o Maranhão: Percorreram então vasta região do Nordeste: atravessaram o Jaguaribe, visitaram a terra de Ibiapaba, a aldeia de Juparanaí (do Diabo Grande), chegando até o Rio Grande do Norte. Sofreram ataques cruéis de índios e de enfermidades, e regressaram a Pernambuco.

Em 1623, realiza ele o seu grande sonho: encontra-se no Maranhão (trabalhando;

foi identificar aquela terra e a gente que lá existe com as doutrinas do seu ceticismo. Mas o Maranhão, a esse tempo, é um Estado independente do Brasil; e cumpre conhecer-se toda a sua extensão para se poder agitar em Portugal as conversações acerca dos problemas ligados à organização da nova terra. Em janeiro de 1636 parte Luiz Figueira do Maranhão, levando consigo o irmão coadjutor João de Avelar, para ir conhecer o Amazonas. Visita então o porto de Una (a légua e meia da cidade de Belém), o Camutá, o Guarajá, a aldeia de Maturá.

Em 1637 esteve em Lisboa, e ali publicou o Memorial sobre as terras e gente do Maranhão, Grão-Pará e Rio das Amazônias, trabalho que teve o duplo fruto de determinar por um lado a criação da administração eclesiástica do Estado do Maranhão e por outro lado chamou nova atenção ao problema das Missões e aldeias dos índios.

Por patente de Roma de 3 de Junho de 1639, foi o

Padre Luiz Figueira nomeado Superior da Missão do Maranhão.

Ao regressar para o Maranhão em 1643, trouxe ele consigo 17 jesuítas, tendo viajado na mesma nau que trazia para o Maranhão Pedro de Albuquerque, herói da guerra de Pernambuco, neto de Jerônimo de Albuquerque Maranhão. Vinha ele como governador do novo Estado. Tendo a nau saído de Lisboa a 30 de Abril de 1643, a 30 de Junho, já nas proximidades das costas paracenses, foi atacado por fúrioso temporal. Vendo a embarcação em perigo, 22 pessoas (entre as quais três eram padres da Companhia), meteram-se em um bote. Estes salvaram-se. As demais pessoas que vinham a bordo — eram num total de 175 — todas morreram. Luiz Figueira, juntamente com nove religiosos e vários outros portugueses, ficou em uma jangada, ao abrigo das ondas. Esta foi dar à ilha de Marajó, e ali os Aruás, que estavam em guerra com os portugueses, os fizeram prisioneiros, e por fim os devoraram assados. A morte de Luiz Figueira supõe-se que ocorreu a 3 de Julho daquele ano de 1643.

## A POROROCA

LUIZ FIGUEIRA

Este rio (como outros algumas destas partes) desfaz sua foz a 8 ou 10 leguas da foz Paracuru, que he hum notável segredo da natureza; e he da maneira seguinte: nas lhas cheias e nouas, em que são aguas ulhas, em certo lugar no princípio da encheente da maré, se repreza a agoa por algu espaço (sem se saber a causa desta repreza, nem o porque se nad repreza nos outros tempos e marés) e dallí começa a correr e encher cota tanta furia, fazendo 3 ondas húas apas outras sendo a dianteira mais pequena, e logo a 2.ª maior, e a 3.ª muito maior, que todas as canoas que diante acha, se está perto de terra as fas em pedas ou as alaga; e com esta furia vai continuando 20 ou 30 ou mais legoas em breulíssimo tempo, deixando logo a maré de todo quasi cheia. E porque muitas canoas, são as uzes obrigadas a encostar-se cõ esta Pororoca [sic] ou indo cõ ella ou indo contra ella; o remedio que tem he que uindo a Pororoca [sic] se põe muito direitos cõ a proa ou popa à corrente e os índios remeyros se põe em nado, e procurar de levantas a canoa, e ajuda-la a que se levanter para que lhe entre a onda por baixo, e desto man-

(Continua na página 148)

com todas as licenças necessárias.

In-8.º 100x140 mm. e 4 ff. preliminares, mais 168 pp. numeradas.

— Arte da gramática da língua do Brasil, composta pelo F. Luiz Figueira, natural de Almodôvar. Quarta impressão, Lisboa, na oficina Patriarcal, 1795, In-4.º de 2 ff. prelim. e 103 pp. num.

— Gramática da língua geral dos índios do Brasil, reimpressa pela primeira vez neste continente depois de tão longo tempo de sua publicação em Lisboa, oferecida a s.m. imperial, atenta a sua augusta vontade manifestada no Instituto Histórico e Geográfico, em testemunho de respeito,

(Continua na página 148)

## AUTORES E LIVROS a seus assinantes

Todo aquele que tomar uma assinatura de "Autores e Livros" se tornará concorrente, em 31 de Dezembro próximo, a uma coleção dos oito volumes da primeira fase dessa publicação (Agosto de 1941 a Março de 1945). Essa coleção completa custa hoje, quando raramente aparece, seis a dez mil cruzeiros.

Um fascículo de "Autores e Livros" vendia-se a cinquenta centavos, na fase em que essa publicação era o suplemento literário de "A Manhã". A coleção completa de "Autores e Livros", de Agosto de 1941 a Março de 1945, ficou representada por cento e cinquenta fascículos, o que, ao preço da ocasião, daria um total de 75 cruzeiros. Essa coleção, entretanto, quando hoje rarissimamente aparece, atinge o custo de seis a dez mil cruzeiros.

Faça a sua coleção de "Autores e Livros", que estará guardando um trabalho destinado à maior valorização.

As assinaturas são feitas a partir do n.º 1 (6-6-1948).

## A R T E DA L I N G V A B R A S I L I C A ,

Composta pelo Padre Luis Figueira da Companhia de IESV, Theologo.



EM LISBOA.  
Com licenças dos Superiores.  
Por Manuel da Silva.

Página de rosto da primeira edição da ARTE DA LÍNGUA BRASILICA, de Luis Figueira. (1576?) Parece somente existir em todo o mundo um exemplar — o qual pertence à Biblioteca Nacional de Lisboa

## S U M A R I O

- PAGINA 137:  
— Noticia sobre Luis Figueira.  
— Bibliografia de Luis Figueira.  
— A Pororoca, de Luis Figueira.  
— Faria Neves Sobrinho.  
— Conferência de A. Carneiro Leão.
- PAGINAS 138 E 139:  
— Relação de vários sucessos acentuados no Maranhão e Grão-Pará, assim de paz como de guerra, contra o rebelde holandês, ingleses e franceses e outras nações (1651), de Luis Figueira.  
— Virgílio Melo Franco.
- PAGINA 140:  
— Página dos Autores Novos — XXII — Van Jafa.  
— Van Jafa.  
— Oferecida.  
— Não sei porque te amo tanto.  
— Exercito da "Ronda dos teus olhos".  
— Elizabeth e Essex.  
— A Cruz de Britânticas.  
— Cântico de amor às fôcas adolescentes.  
— Poema para Manu.  
— Quando você se fez saudade.  
— O Cantar.
- PAGINA 141:  
— Raridades de Raimundo Correia:  
— Flora de tumbas.  
— Conselhos.  
— As "Poesias Completas" de Raimundo Correia (transcrição do "Jornal do Comércio").
- PAGINAS 142 E 143:  
— Livres Neves.
- PAGINA 144:  
— Clássicos Jactos.
- PAGINA 145:  
— História do Jornalismo no Brasil: Ferreira de Araujo.
- Ferreira de Araujo (nota biográfica).
- Bibliografia de Ferreira de Araujo.
- Algumas fontes sobre Ferreira de Araujo.
- Camões e os Lusíadas: de Ferreira de Araujo.
- O Divórcio e o Senado, de Ferreira de Araujo.
- Do artigo de apresentação da "Gazeta de Notícias", Luis Senior Ferreira de Araujo).
- PAGINA 146:  
— Santa Iria, de Mucio Leão.
- PAGINA 147:  
— "O Cérvo", de Poe. VII Segunda tradução de João Kopke (em verso).

## Conferencias de A. Carneiro Leão

No próximo dia 11, na Academia Brasileira de Letras, o professor Antonio Carneiro Leão, diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, prounciaria uma conferência sobre o título de Visão panorâmica dos Estados Unidos. Será a primeira de uma série de quatro conferências, devendo as demais realizar-

se em dias que serão oportunamente marcados, nos lugares e sob os títulos que seguem:

— Vida Universitária Norte-Americana, no Instituto Brasil - Estados Unidos; A formação do jornalista nos Estados Unidos, na Associação Brasileira de Imprensa; Projeções Internacionais dos Estados Unidos, no I. B. E. C. C.

## Faria Neves Sobrinho

Os filhos do Recife vão prestar a Faria Neves Sobrinho uma expressiva e justa homenagem: a de erguer, em uma das praças públicas da sua cidade, o busto, em bronze, daquele encantador poeta.

Faria Neves Sobrinho bem merece essa homenagem. Foi um cantor dos mais inspirados de sua época, um meditativo e melancólico covenção. Se quiséssemos procurar parentescos espirituais (Continua na página 148)

# Relação de varios sucessos acontecidos no Maranhão e Grão-Pará, assim de paz como de guerra, contra o rebelde holandes, ingleses e franceses e outras nações

A Relação de varios sucessos acontecidos no Maranhão e Grão-Pará, assim de paz como de guerra, contra o rebelde Holandês, Inglês e Franceses & outras nações (4 páginas) foi impressa em Lisboa, por Matias Rodrigues, em 1631.

Reimprimiu-se nos Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará, I (1902) 15-25, com notáveis incorreções, provocadas sobre tudo pelo copista de língua espanhola. Exemplos: o algarismo 2, escrito à castelhana, é dos. Como tal palavra dos também é portuguesa, mas com significado diferente, quando este éra se cometeu (e foi mais de uma vez), ficou falsificada a leitura. Outros erros: em por em, nome, por nome, etc.

Com algumas acrescentamentos existe uma cópia, do séc. XVII, na BNL, Col. Fomb. 475, f. 364-366: Relação de Alguas cousas tocantes ao Maranhão e Grão-Pará Escrita pelo padre Luis Figueira da Companhia de Jesus Superior da Residencia que os Padres tem no dito Maranhão. É cópia imperfeita. Manuel de Sousa Dessa (De Eça) aparece sempre Manuel de Sousa de Sá. O pronome o vem mais de uma vez surpreendido, logo de entrada, etc. Publicou-a o Barão de Stadart em Documentos, I, 243-253, e com mais alguns erros de leitura, talvez de quem lhe ministrou a cópia.

Não pudemos conseguir o original impresso em 1631, monumento bibliográfico raríssimo, de cuja existência nem sequer suspeitou Inocêncio. O editor dos Anais tampouco diz onde ele se encontra, referindo-se apenas vagamente a um S. Espada, que lhe enviou a cópia. Restava-nos reproduzir a cópia da BNL. Mas, sendo tão incorreta, não parecia isso extremamente útil. Decidimo-nos por esta solução: corrigir os erros nessa cópia da publicação dos Annaes pela cópia da BNL e incluir nela os acrescentamentos desta; e neste completar as lacunas, em confronto com aquela. Tudo dentro da mais absoluta probidade científica, sem uma palavra nossa. Em todo o caso, não sendo a Relação, tal qual a publicamos, reprodução material da dos Annaes, nem da dos Documentos, nem da cópia da BNL, achamos preferível, já agora, atualizá-la na pontuação e ortografia. E com uma vantagem: a de ficar como espécimen correto da forma literária de Luis Figueira.

Relação de vários sucessos acontecidos no Maranhão e Grão-Pará, assim de paz como de guerra, contra o rebelde holandês, ingleses e franceses e outras nações

1631

Da curiosidade com que um senhor planta um jardim, de como o cava e rega e cerca, para o defender das injúrias do tempo e dos brutos animais, que o não rodam com os dentes, nem o sovem com os pés nem com as trombas o focem; e, juntamente, de como este senhor encarece ao hortelão a guarda dele: entendemos e muito que o estima, e as esperanças que tem de gosar

da suavidade da fruta de suas árvores.

Com esta semelhança, podemos de alguma maneira declarar e conceber o motivo que Deus estima esta nova Igreja do Maranhão, como jardim seu, em que quer que cresçam e frutifiquem as árvores da Santa Fé e das Virtudes Cristãs, cujo suave fruto pretende colher. Porque, depois que este divino Hortelão o comegou a plantar, é muito para considerar o caso que faz dele, edificando-lhe no meio não uma só torre, como da vinha de Israel diz o Profeta Isaías, C. 5, mas 3 fortíssimas torres, de que faz guarda a este seu jardim, que são as três religiões mendicantes, a saber, a de Nossa Senhora do Carmo, a dos Capuchos e a da Companhia de Jesus, as quais, logo em seus principios, trouxe cá, antes de haver moradores. E, além

(1631)

LUIZ FIGUEIRA

E posto que as vitórias e sucessos venturosos foram muitos, neste Maranhão e Pará estes anos passados, no tempo de Jerônimo de Albuquerque, primeiro conquistador, que matou duzentos Franceses, que lhe foram ao encontro, pretendendo impedir-lhe a entrada nesta Ilha Grande do Maranhão, e, depois, vindo no seu alcance Alexandre de Moura, com cuja vinda o restante dos Franceses, que eram outros duzentos, despejaram o forte S. Filipe, entregando as armas e forte aos Portugueses; e depois, no tempo do Capitão Bento Maciel, que por várias vezes tomou os Holandeses, que faziam fumo e tinham

idolatria e torpezas, dava Deus ordem com que os inimigos os atropelassem e castivassem.

Mas, neste nosso Maranhão e Grão-Pará, sempre até agora os ajudou e favoreceu, mostrando nisto quem queria cá plantar sua Santa Fé. Em especial, sobre os anos passados, se viu isto um sucesso que agora houve no tempo do nosso primeiro Governador, Francisco Coelho de Carvalho, que foi no mês seguinte.

No ano de 1626, no fim de agosto, chegou a este novo governo do Maranhão o primeiro Governador dele, Francisco Coelho de Carvalho, o qual foi recebido com grande aplauso da Conquista, o qual aplauso até hoje se não diminuiu, e sem dúvida será despedido com saudades, pelo bom sucesso com que governou. Trouxe em sua companhia o Capitão-mor do Pará, Manuel de Sousa Dessa, o qual em breves dias aviou e mandou para a praça que El-Rei lhe encorajou, sucedendo nela o Capitão Bento Maciel Parente, que havia de 4 anos a tinha governado com grande acelação e aumento da Conquista, acostumando, matando e prendendo os Corsários, que a ela tinham aportado, mostrando em várias ocasiões seu valor e bom governo, de que resultou haver naquela Capitania do Pará muitos prisioneiros holandeses e de outras nações, que com elas vinham misturados, a fazer tabaco e comerciar com o gentio do Rio das Almazoras, da banda do Norte.

Entre os prisioneiros que ali havia era um chamado Diogo Périco, holandês de nação, o qual pretendeu alcançar licença para passar a sua terra. E para esse efeito se insinuou na devoção de certo religioso, que ali residia, por meio do qual, com importunação, alcançou licença do novo Capitão Manuel de Sousa Dessa (a quem a sua tomada não custava nada) para se ir por via das Antilhas, em companhia do mesmo religioso, e com ele, finalmente, se embarcou, levando juntamente consigo, com a mesma licença, outros dois seus compatriotas dos prisioneiros.

Partidos eles do Pará, veio sua ida à notícia do Governador, que logo mostrou disto desprazer. E indo daí a alguns meses visitar a Capitania do Pará mandou os precatórios aos Governadores daquelas Ilhas, para que prendessem os sobreditos estrangeiros, que sem sua ordem iam contra a que Sua Majestade lhe tinha dado (da qual não devia saber o Capitão que deu a licença, Manuel de Sousa Dessa nem o religioso que intercedeu). E com este aviso e precatórios foi o próprio Capitão Bento Maciel Parente, cujos prisioneiros eles foram. Partiu de Forte, em Junho de 1627. Chegou aquelas Ilhas, achou os estrangeiros. Apresenta seus precatórios, que fô-los a prender. Mas estando para os enfocarem, saí por elas o mesmo religioso, que os levava apadrinhados, e ainda que à custa do Capitão Bento Maciel, fô-los soltar.

Embora os consigo, leya-los a Espanha, e, daí manda-los para sua terra, onde em breve se tornaram a armas alguns mercadores, dando-lhes nau, armas e mercadorias, que chegariam, como elas dizem a setenta mil cruzados, para que viessem fazer tabaco, e que logo lhes mandaria mais gente e cabedal (que tanto caso fazem do tabaco). Vieram em Abril de 1628, ao Rio das Almazoras, onde chamaram o Tucuru, onde se fortificaram, fazendo um forte de madeira, com uma cava de 20 palmos de alto e uma barbacá, de 12 palmos de alto, e largo de 15, com seu porporel em cima, de quatro palmos de alto e largo de outros 4. E todo o forte era quadrado. Tinha 4 pedreiros e uma peça grossa de artilharia. E ali chamavam o Gentio, que lhe fazia o fumo, e comerciavam com elas. E, por serem ali já antigos os que dali tinham ido, lhe sabiam mal bem a língua. No princípio do ano de 1629 teve notícia da sua estada o Capitão de Pará, Manuel de Sousa Dessa. Mandou lá o Capitão Pero da Costa (o qual é muito grande soldado, natural de Pernambuco, e bem exercitado naquela Conquista do Pará com índios e estrangeiros) dando-lhe 30 ou 40 soldados Portugueses e oitocentos Portugeus e oitocentos índios frechelhos em 40 canhões.

Chegou Pero da Costa ao sítio dos inimigos. Fez uma Cava defronte do seu forte, a tire de arcabuz, e nela se meteu com sua gente. Teve logo notícia que em certa aldeia estavam 7 ou 8 holandeses. Mandou lá vinte

Portugueses com alguns frechelhos índios para os tomar. Sendo lá, acharam-se com 48 inimigos; mas nem por isso os nossos fizaram pé atrás, antes arremeteram a elas com ânimo. E derrou o conflito duas horas em uma campina, na qual ficaram 2 Portugueses mortos, e outros feridos; e da parte dos contrários, outros 2 mortos e outros também feridos. E toda a desgraça foi, que os índios, que iam com os Portugueses, vendo os naturais, que acompanhavam os Holandeses, lançaram-se a elas e os perseguiram, fazendo neles grande matança, desemparando os Portugueses, que em desigual número pelaram com os Holandeses, havendo poucos índios, que ajudavam. E uns e outros pelaram, até que, cansados de uma e outra parte, se foram apartando. E os nossos se achavam já sem pólvora nem pelouros, e assim se vieram para a Cava, onde estava o Capitão Pero da Costa com a gaiola

Autografo de Luiz Figueira, existente no "Archivum Societatis Iesu Romanum", BRAS. 8, 511 (Apud Serafim Leite — LUIZ FIGUEIRA — Lisboa, 1940)

destas forças, que são as principais, também defende este jardim com as armas do nosso mui Católico Rei Filipe 3.º de Portugal, que por meio do esforço de seus soldados ou prendem ou põem em fugida os hereges Franceses, Holandeses e Ingleses, que como animais imundos e importunos, pretendem pisar, com os pés, e focar, com a tromba de sua arrogância, este novo jardim, e arrancar as raízes das novas plantas da Fé, cultivadas e regadas com água pura da Católica doutrina, com que os religiosos sobreditos a refrescam. E isto com tão feliz sucesso, que não somente a semelhante tem seu vigor, quando Deus, por seus justos juízes, os não quer castigar, como foi na Baía e Pernambuco, em que isto se viu evidente, pelos graves pecados, que se faziam contra sua divina Majestade, e houve-se Deus com elas como antigamente com os filhos de Israel, de que diz a Escritura Sagrada, no 3.º c. do Livro dos Juízes, que lhes deixou Deus inimigos entre elas mesmas, para os ensinar a guardar sua Santa Lei com o rigor do açoite, que deles haviam de receber. E, com efeito, como os filhos de Israel se desmandavam em

E, achando-se todos fatos de inimigos, e o inimigo bem fortificado, tomaram por conselho largar o posto, em que com menos consideração que ânimo se tinham metido. E assim se retiraram para o Curupá dali 4 ou 5 jornadas, donde avisaram ao Governador, Francisco Coelho de Carvalho, que estava no Maranhão, do que passava. Sentiu o sucesso e reticida o Governador, e com toda a pressa esquiva canoas com soldados e índios do Maranhão, e manda provisão a Pero Teixeira, de Capitão-mor da jornada, dan-

# Relação de varios sucessos acontecidos no Maranhão e Grão-Pará, assim de paz como de guerra, contra o rebelde holandes, ingleses e franceses e outras nações

de-lhe seu regimento, e por ordem, que tratasse de impedir ao inimigo o comércio e trato com o gentio, afugentando-lhe e impedindo-lhe todo o socorro, que dele pudesse esperar, que era um modo de cerco, porque sem gentio não poderiam os inimigos conservar-se muito tempo. E, no mais, fizemos o que as ocasiões lhe permitissem.

Recibido o aviso e ordem do Governador, parti-se Pero Teixeira com a pressa possível, do Pará. Com a gente que lhe velo, foi-se ao Camutá, que é caminho, aviar de fariñas e de algum mais fariño amigo. E, com isso, se foi ajuntar com Pero da Costa, em Curupá, onde fez reseňu de todos a gente. E se achou cento e vinte soldados Portugueses, gentio de cem, poucos em número, mas no ínimo mui resolutos, e teriam consigo mil e setecentos Indianos frecheiros, os quais todos se embarcaram em noventa e oito canoas, em busca do inimigo, com suas espissas diante em caixas ligeiras.

Chegado que foi Pero Teixeira, distância de meia légua do forte holandes, a 28 de Setembro, mandou varar as canoas em terra, lez sua Cava e trincheira de terra e madeira. E ao dia seguinte, foi marchando à vista do forte do inimigo, o qual encou com uma Cava funda. Nela meteu a gente. E assim os teve cercados o dia seguinte, havendo, de parte a parte, muitas arca-buzadas, sem da nossa parte, haver dano algum. E porque dentro do forte havia muitas casas de palma seca, trataram os nossos de lhe dar fogo com frechas acesas. E sem dúvida teria efeito, sendo acerta um Índio de dar fogo a uma casa, que estava de fora, que serviu de aviso aos inimigos, para logo desfazerem as casas de palma. Vendo o nosso capitão que não se conseguia o efeito, retrouve-se para a sua trincheira, pretendendo de se ocupar em dar assaltos aos inimigos. Elas também vieram reconhecer a força dos nossos várias vezes. E nestas saídas houve vários encontros, de que os nossos sempre ficaram de melhor parido, porque lhes mataram 12 homens e muito gentio, e elas a nós nunca nos fizem mais dano, que mataram 3 Índios dos nossos, que acharam desmandados. E a um soldado Portugues deu uma bala no peçoso, que o fez afocinhar, caindo a bala no chão, amassada, sem lhe fazer mais dano, que crescer-lhe a carne; e alguns dias deitou sangue pela boca e narizes. A outro Índio deu outra bala na barriga; e da mesma maneira lhe calou aos pés, sem lhe fazer dano. No que bem se viu, que o Céu nos defendia. E assim ficaram passados os inimigos, quando depois lhes disseram que a sua arca-buzaria nos não tinha feito dano algum. Depois de 3 ou 6 encontros, que houve destes (em um dos quais se lhe matou um Índio principal, que era todo seu remédio, porque por sua ordem lhes vinham mantimentos das Aldeias) — chegaram os inimigos a estado miserável, mas ainda com coragem,

por esperarem socorro cada dia. Sendo porém em 17 de Outubro, senão quando aparecem 4 homens com uma bandeirinha branca, que vinham em demanda da nossa trincheira. Responderam-lhes os nossos com outra bandeira branca. E foi o Capitão Aires de Sousa com alguns soldados ao caminho, a quem elas

armas. E o que resultou da prática foi que ao dia seguinte se assentaram as paz e modo de entrega, que havia de haver.

Ao dia seguinte se escreveram cartas, deram-se reféns e se viram os Capitães

(1631)

Pero Teixeira com alguma da sua gente, e os prisioneiros repartidos. E se partiu para Curupá, ficando ainda muitos dos nossos ali.

Depois do nosso Capitão partido, a dois dias ou 3, chegaram ao mesmo lugar 2 naus e um pataxo, e outras duas ou três lanchas, que vinham a socorrer os cercados seus companheiros. Dispararam muita artilharia, em vão, e trataram de deitar gente em terra, porém, os nossos das cidades que lhes fizeram os iam recebendo de tal maneira, que lhes mataram 4 dos seus. E com isso os fizeram recolher outra vez, e dando à vila se tornaram para onde tinham vindo. Estes se afirmam serem Ingleses, em companhia do Capitão Nort, que ai perto depois tomou sítio, e fez outro forte, não muito longe, de que depois os nossos lheveram noticia. E agora tornou lá o mesmo capitão Pero Teixeira, por ordem do Governador, com a mesma ordem que para os Holandeses lhe tinha dado. Esperamos com o favor divino o mesmo sucesso.

Nessa ocasião se assinalaram alguns índios muito, mostrando grande valor nas escaramuças, entre os quais um chamado Caratatuba, Potiguar, do Rio Grande. Indo a um assalto, vendo 3 canoas dos índios nativos, aliados com os Holandeses, toma a espada na bôca, lança-se a nado, e as foi alargando uma e uma. E salindo em terra, às frechadas matou muitos deles. Em outro encontro com os Holandeses viu este mesmo índio um deles de bom geito. Arremete a ele, para o trazer vivo nos braços, e sem dúvida o trouxera se lhe não acudiram outros 4 ou 5 holandeses que lhe impediram as cutiadas, das quais todavia se defendeu com uma rodelha e com as mãos, ainda que com algumas cutiadas, se meteu por baixo de uns pauz e ramos, e se livrou deles. Outros fizeram outras cavalarias sem nunca morrer nenhum mais que os 3, que no princípio dissemos, e os dois Soldados Portugueses naquele primeiro encontro. E em todo este tempo era notável a força que estes índios faziam ao Capitão, que os deixasse escalar o forte que elas se atreviam a entrar, mostrando-se enfadados da dilação da guerra, querendo logo vir às mãos com os inimigos. Mas o trabalho é que não vêm dito nenhum galardão em nome de El-Rei.

Passados os 3 dias, pediram outros 3, dando por razão que andavam uns companheiros seus ausentes. Passado este segundo termo, pediram mais. Traça era esta para se entreterem até lhes vir socorro, que esperavam. E, finalmente, se assentou que os Holandeses entregariam as armas e munições, mas que lhes ficaria a sua fazenda, para tratarem com ela entre os Portugueses, e que, havendo pazes com El-Rei, lhes dariam passagem para suas terras, e que isto se efeituaria dentro em 3 dias.

Passados os 3 dias, pediram outros 3, dando por razão que andavam uns companheiros seus ausentes. Passado este segundo termo, pediram mais. Traça era esta para se entreterem até lhes vir socorro, que esperavam.

Senão quando, no mesmo dia, vêm dar às mãos dos nossos um índio que lhes trazia um felix de morro, e umas cartas de duas naus, que estavam pelo rio do Pará abaixo, e já tinham noticia do aperto em que estavam os do forte. E lhes diziam nas cartas, que entretivessem os Portugueses, ou por paz, ou por guerra, que logo seriam com elas a ajudá-las. Sabendo isto, o nosso Capitão com elas, que efeituaram logo o que tinham assentado; e, quando não, estariam pelo rigor da guerra. Com esta resolução se enfregaram no mesmo dia, com tudo o que tinham. Despoujou-se o forte e se lhe pôs fogo, e derribou. E ao dia seguinte se embarcou o nosso Capitão

Senhor favorize estas conquistas, e quere fundar ne-las a Santa Fé, ainda que para isto faltam ainda obreiros e ministros do Evangelho, que se ocupem com o gentio, o qual negócio, com tudo o mais, depende de Sua Majestade favorecer este particular, com consignar alguma esmola aos que nisto se houverem de ocupar. E é cosa evidente que para se evitar o comércio dos estrangeiros nequelas partes, não tem Sua Majestade melhor meio, que por ali religiosos, que domesticarem o gentio, para que assim não os admitem a fazer tabaco. E ainda que não pode haver ali religioso sem armas, contudo por mais importância tenho haver religiosos que armas, para o tal fim. Porque, por armas não há de deixar de vir estrangeiros a fazer tabaco, se o gentio lhes der entrada e lhes administrar as recaídas para o tabaco, o qual elas não podem fazer sem este ministério do gentio.

Isto o que toca ao bem e proveito temporal, quietação dos vassalos de Sua Majestade. O que se prova também com o sucesso do Estado do Brasil, que no Rio Grande e Paraíba só as Aldeias, que os religiosos têm a cargo, se não inquietaram, e as demais se tranquilizaram com os Holandeses.

Quanto ao bem espiritual e conversão do gentio, e ainda a mesma conservação do mesmo Gentio, por si se deixa entender que só e totalmente depende dos religiosos, que a isso dedicam suas vidas, pelo bem das almas, e honra de Deus, sofrendo incomportáveis trabalhos, sem pretender, nem tirar para si comodidade alguma temporal, antes carente de todas as que em seus conventos têm. O que não sei se consideram esses senhores dos Conselhos que tão escassos são, para este universal bem, da fazenda de Sua Majestade, havendo-se liberalmente noutras coussas, que não se compararam com estas. E prova-bos é, dos grandes trabalhos, que nisto se padecem, e o não poderem com elas os religiosos de Santo Antônio neste Maranhão, antes sossobrados deles, largaram este ano passado, o cargo que tinham da administração das Aldeias do Gentio, sendo os ditos religiosos tão zelosos, e sendo providos nelas por provisão particular de Sua Majestade. E, assim, encampando-as ao Governador, se recolheram a seu convento, ficando as Aldeias desemparradíssimas, como estão, morrendo cada dia sem confissão e sem batismo, brando por elas cada dia, com grande lástima do quem o sabe e o não pode remediar.

Frias, Lusa-Dee.  
(Serafim Leite — Luiz Figueira — Lisboa, 1940).

## LEAL DE SOUSA

Registrado-se, esta semana, o falecimento do escritor Leal de Souza. Pertence à geração de Bilac, de Emílio e de Alberto, e foi um dos representantes do Parnasianismo brasileiro em sua última fase. Deixou um famoso livro de poesias — *Boque Sagrado*.



## LUIZ FIGUEIRA

A SUA VIDA HEROICA  
E A SUA OBRA LITERARIA

POR

SERAFIM LEITE

Da Academia Portuguesa de História  
e da Academia Brasileira de Letras.

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E BIBLIOTECA  
AGÊNCIA GERAL DAS COLÔNIAS

1 9 4 0

Página de rôsto da obra de Serafim Leite — LUIZ FIGUEIRA. A SUA VIDA HEROICA E A SUA OBRA LITERARIA.  
Lisboa, 1940.

logo entregaram as armas, e se vieram com elas apresentar ao capitão Pero Teixeira. Fizeram-lhes as cerimônias costumadas, de olhos tapados, e, apartando-os, os examinaram: 3 deles eram Escoceses, e um deles Cavaleiro com esporas caladas, à guisa da sua terra; outro mui bom latino; o 3.º era um mancebo, bem disposto, todos 3 católicos; o 4.º, era um mulato de casa de Conde de Santa Cruz, que elas tinham no Cabo Verde tomado, trazendo-o consigo.

Estes 3 estrangeiros declararam como elas eram vindos enganados, e que não imaginavam que cá havia Portugueses nem guerra com Católicos, nem elas a queriam. Quanto aos outros, que estavam tão faltos de mantimentos, que entenderam que com qualquer partido se renderiam. Serviu isto aos nossos de tornarem mais ânimo e sperarem mais com os inimigos. Saíram ao dia seguinte a elas, e houve entre elas muita pelourada, de que os nossos não receberam dano algum. Por fim de contas, os que se tinham vindo para nós, lhes começaram a falar de dentro da Cava, donde estavam os nossos pelejando contra os seus. Responderam elas de lá do seu forte, e continuaram a praticas, cessando já as

e, finalmente, se assentou que os Holandeses entregariam as armas e munições, mas que lhes ficaria a sua fazenda, para tratarem com ela entre os Portugueses, e que, havendo pazes com El-Rei, lhes dariam passagem para suas terras, e que isto se efeituaria dentro em 3 dias.

Passados os 3 dias, pediram outros 3, dando por razão que andavam uns companheiros seus ausentes. Passado este segundo termo, pediram mais. Traça era esta para se entreterem até lhes vir socorro, que esperavam.

Senão quando, no mesmo dia, vêm dar às mãos dos nossos um índio que lhes trazia um felix de morro, e umas cartas de duas naus, que estavam pelo rio do Pará abaixo, e já tinham noticia do aperto em que estavam os do forte. E lhes diziam nas cartas, que entretivessem os Portugueses, ou por paz, ou por guerra, que logo seriam com elas a ajudá-las. Sabendo isto, o nosso Capitão com elas, que efeituaram logo o que tinham assentado; e, quando não, estariam pelo rigor da guerra. Com esta resolução se enfregaram no mesmo dia, com tudo o que tinham. Despoujou-se o forte e se lhe pôs fogo, e derribou. E ao dia seguinte se embarcou o nosso Capitão

Por este, e pelos mais sucessos passados, podemos entender que Deus Nossa

# PAGINA DOS AUTORES NOVOS

## XXII — VAN JAFA

Elizabeth e Essex



Van Jafa

### Van Jafa

Van Jafa é o pseudônimo literário de José Augusto Faria do Amaral. Nasceu na cidade de Salvador, Bahia, no dia 4 de Janeiro de 1927 e filho de D. Josefina Faria do Amaral e Adelmo Corrêa do Amaral.

Faz o Jardim da Infância na Escola Pública Nísio Teixeira, em Salvador; nessa mesma cidade completou os estudos secundários no Colégio Ipiranga e o Curso Complementar no Colégio Bahia. Cursa atualmente a Faculdade de Direito da Universidade do Brasil.

É um apaixonado das letras e um estudioso das literaturas brasileira e inglesa. Começou, ainda adolescente, a publicar trabalhos na imprensa de Salvador.

Fixando-se no Rio de Janeiro, fez-se cronista cinematográfico de Vamos Ler! e foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos.

Poeta que é, sua inspiração se divide entre a poesia lírica e a humorística.

### Bibliografia

Ronda dos teus olhos — Capa de Ubi Sava — Gráfica Editora Aurora Ltda. — Rio, 1948 — 100 pgs.

O Universalismo em Epá de Queiroz — Conferência na Casa dos Poveiros; repetida na Sociedade "Idéia", em agosto deste ano.

Anúncio matriz:

As longas conversas que tive com teus olhos — contos. As mães terríveis — novela em preparo.

### Oferenda

Aos que amam afetuosamente.

A todos aqueles que passaram e foram amados sem saber.

A todos aqueles que passaram e foram amando sem dizer.

### Não sei porque te amo tanto

Olhei para o céu e estarrecido vi minhas galotas negras  
voando como brasas acesas  
tembrando suaves lanternas chinesas...  
E indignado, biscoitando  
o horizonte noturno,  
indaguei: — qual o doido  
que por fogo nas minhas galotas negras?

PRIMAVERA DE 1948

### Excertos de "Ronda dos teus olhos"

Quando tua face, que emergiu do barro, retorna ao barro, não te esqueças daquele que sempre te colou entre Deus e ti...

Ao olhar um retrato teu, em que parecias ouvir música, meus olhos te compreenderam e as saudades desceram mudas pela face...

Teus olhos são um escândalo de lirismo humano...

A saudade deve ser chuva...

Noite formada de muitas ausências.

Onde teus olhos estão noite...

Elizabeth e Essex

— Matai-o!  
— Majestade... Ele é o vosso Amor!  
É o vosso príncipe encantado.  
É todo o vosso anseio e esplendor...  
É o tesouro do vosso coração  
de mulher e de rainha.  
Perdoai-me se vos falo assim.  
Mas é com sobejá razão.  
E curvou-se o ministro até o chão.

— Matai-o!  
— Majestade...  
— Cumpra-se a ordem... Palavra da rainha...  
— Majestade, vós estareis atrepida após a consumação.  
— Para meu Amor ser só meu, está e a unica solução.  
Prefiro chorá-lo a vida inteira, a abe-lo em outras mãos.  
E deixou os olhos fixamente perdidos num retrato a óleo  
enquanto ouvia e rufar dos tambores da execução.

PRIMAVERA DE 1947

### A Cruz de Brilhantes

A MINHA MÃE

Era uma joia de estimação...  
Imensamente bela, tida de ouro,  
cravada de brilhantes,  
era um tesouro.  
Muito dinheiro valia  
aquela perfeição.  
Ninguém a via,  
sem uma grande e profunda exclamação.  
Um dia l' incontrado,  
um belo desconhecido...  
De minha Mãe, no peito,  
aquelha joia sem defeito,  
causava verdadeira admiração.  
Os brilhantes falcavam,  
como verdadeiras entrelas...  
Parecia um incêndio de harmonia,  
quando minha Mãe a trazia,  
com orgulho de gente rica, inveja de gente pobre.  
Uma dia, era eu ainda muito criança,  
vivia de sonhos realizados,  
e de esperança.  
era só pedir e ter meus desejos vivificados...  
... Não vendo mais minha Mãe usá-la,  
um dia perguntei: "a tua cruz mamãe?"  
— "Guarda-a meu filho".  
Mas aqueles olhos e aquela voz não eram de quem guardava.

Passaram-se os anos...  
Sucederam-se os invernos de privações.  
Desabrocharam as primaveras de esperanças.  
Até que um dia tivemos verões de compensações.  
E então adolescente, eu soube um outro dia,  
que a cruz fora vendida para minha educação.  
Tive saudades daquela cruz de brilhantes.  
Minha Mãe, com uma diamantina fe,  
disse-me: "Meu filho, existem outras cruzes eternas.  
Aquelle era efêmera e profana.  
A cruz do Senhor é de madeira, mas sempiterna.  
Tu és a minha maior joia, o meu diamante.  
A minha cruz de brilhantes".

E entre lágrimas, no santuário do meu coração,  
jurei cingir-lhe um dia a alegre fronte,  
com uma coroa de louros e diamantes!  
E de ver no peito já cansado pela cruz dos anos,  
voltar a brilhar,  
o cruzelio do sul  
da minha glória resplandecente,  
e no peito de minha Mãe, condensada sob a forma  
de uma — cruz de brilhantes!  
Uma joia de estimação.

NATAL DE 1944

### Cantico de Amor ás focas adolescentes

Mulheres iguais às outras,  
Focas fatais  
Trajando negro brilhante,  
De vestidos coleantes e sensuais,  
Focas cor de ébano,  
Eu vos quero  
Além da metafísica dos problemas raciais:  
Languidas, gelatinosas,  
Doces filhas da Gronelândia!  
Mulheres assim não existem iguais.  
Possuem "nuances" no andar,  
E são requintadas no amar.  
Não se resiste a um sorriso de foca adolescente,  
Nem a um olhar boreal.  
Tristes como a verdade,  
Distorcidas filhas do Polo Norte,  
Anuentes virginas.  
Focas,  
Notas com estrelas na alma,  
Eu vos amo acima do Bem e do Mal!

### Poema para Manu

Esquecidas na paisagem  
estavam vacas octogenárias,  
pastorilas as vacas adolescentes,  
à semelhança de mulheres perdidas  
nos homens... nos acontecimentos... na vida  
combolhando suas ilusões também perdidas...  
Pelo chão aboboras gigantescas  
faziam lembrar "blimpes" abatidos...  
Entre as neelas alucinadamente loiras  
um poeta adolescente de "pull-over" listado  
com torta de maçã apaixonadamente.  
Pendurado pelo pescoço,  
numa árvore, estava o irmão que eu não tive,  
que por nunca ter pecado,  
por excesso de puritanismo foi enforcado.  
A noite vinha perto.  
Ouvia-se o tropel dos cavalos celestes.  
De bêbado eu assistia ao "debut" das estrelas  
na "boite" de meu terraço.  
Ao longe ouvia-se o "roselar" dos grilos  
e dentro da meu ser  
michas céluas pensavam em VOCÊ.

### Quando você se fez saudade

Fôhias brincando de ciranda  
Pelas calçadas deserto...  
Crianças de olhos ternos,  
De faces doces, de vidas claras e incertas.  
Por onde o Amor ainda não passou.  
Vento que tomou a forma de que não ousei,  
Mãos acenando adeuses em todos os aeroportos  
(do universo).  
Bocas que não foram colhidas,  
E muitas outras coisas que permaneceram esquecidas.  
Rosas sepultadas entre páginas de livros favoritos.  
Vida apenas imaginada.  
Vonlade sem berço. Emoção simplesmente desejada.  
Véus de noivas, símbolos vazios, letos sem amor.  
Inutilidade do brilho de virtude daquele que não pecou.  
Pensamentos escondidos na noite, a esterilidade da dor.  
No círculo da luta do "abat-jour"  
Uma márcara negra  
Ainda anima olhos que pertenciam  
A um rosto de Anjo.  
Inspiração de um poeta.  
Beleza intocada, forma não possuída.  
Máscara de um amor sem solução,  
Canção proibida na realidade de um poeta.  
Que, com os olhos nos olhos da máscara.  
Sente a própria vida.

INVERNO DE 1948 — RIO

### "O Cantaro"

Havia um cântaro entre outras colas...  
As ninhas entoavam canções de Amor  
Para os efebos indiferentes.  
Havia um cântaro entre outras colas...

Um cântaro  
Onde jogavas teus olhos para ver  
Tua face junto à minha  
Submersa na paisagem líquida...  
Neste ázim vive aíndi  
A eterna nostalgia da fonte mestra  
Da Era em que juntos fomos leito de rio...  
Guarda a mesma angústia das imagens remotas  
Como teus silêncios compostos de mistérios esquecidos.  
Silêncios reveladores da nossa participação no  
Inimigo segredo...  
Identidade de sonhos, de ansias, de desejos de  
Imobilizado...  
Cântaro e água na transladação dos séculos  
Metamorfosearam-se...  
Hoje é poesia...  
Eu também mudei — agora sou poeta  
Voltado para a fonte mestra — teus olhos.  
Havia um cântaro entre outras colas...

Um dia 3. Jan. de 48  
(grafo impessoal)

Conceitualmente astut  
Invisível no horizonte  
Em síncope devo... sobre o beijo  
uma paixão de jinifa.

Autógrafo de Van Jafa

# As "Poesias Completas" de Raimundo Correia

Com a devida vénia, transcrevemos a nota que em seu *acervo Livros Novos* (que é, notoriamente, da responsabilidade do escritor Berilo Neves, último domingo, 31 de outubro), deu o *Jornal do Comércio*, registrando o aparecimento da edição das *Poesias Completas* de Raimundo Correia, edição essa organizada, profunda e anotada por Mário Leão:

**RAIMUNDO CORREIA** — *"Poesias Completas"* — (Organização, prefácio e notas de Mário Leão). — Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1948.

Depois de cultivar, literariamente, o conto, a crônica, a crítica literária, a poesia — o sr. Mário Leão encareceu pelo caminho do Ensaio, e, nesta nova fase da sua atividade intelectual, tem-se revelado um pesquisador de assombrosa capacidade de trabalho e de superior senso estético. Como o arquiteto que, após editar muitas obras, se torna, por isso mesmo, capaz de descrever os méritos ou defeitos das obras alheias, o sr. Mário Leão está naturalmente habilitado a elaborar, num lance de olhos, o plano de uma construção, o traço de um edifício. No terreno da bibliografia, seus serviços à cultura nacional impõem-se como dos mais opulentos: até hoje registrados na nossa história literária. Andaram bem, pois, os editores que lhe confiaram a coligir as *"Poesias Completas"* de Raimundo Correia — um dos nossos poetas maiores, de todas as épocas. Não era a primeira vez — é claro — que o sr. Mário Leão fazia pesquisas sobre os trabalhos do autor de *"As Pombas"*. Em *"Educações Contemporâneas"*, consagrara-lhe um estudo, em 1923; mais tarde, reservou-lhe um lugar de honra em *"Autores e Livros"*; e, no encontro de inauguração do busto do poeta, pronunciou uma alocução, que saiu a juntar na *"Revista da Academia Brasileira de Letras"*, vol. 68. A bibliografia, que faz anexar ao 1º Volume destas *"Poesias Completas"* mostra-nos, além disso, as largas fontes em que se abastecem para reunir a produção integral, em verso, do célebre escritor maranhense. Conforme não só declara em *"Prefácio"*, esse primeiro volume reproduz, *mutatis mutandis*, o texto de *"Poesias"* publicado em vida de Raimundo Correia e do qual se fizeram três edições, todas em Portugal. O volume *"Poesias"* era uma seleção das *"Sinfônias"*, das *"Versos e Versões"*, e de *"Aleinias"*. O que não é novo, neste primeiro tomo, além do *Prefácio* e da relação bibliográfica, são, pois, as notas com que o criador e assumiu o sr. Mário Leão — notas de enorme valor para o estudo da obra do autor de *"Mal Secreto"*. Nas diversas edições em que apareceram estes versos, bem como nas publicações, que deles se fizeram, em jornais e revistas, notam-se variantes de pontuação, gráfia, etc., que, todavia, o autor desta seleção anota, com a cléncia de bibliógrafo afeito a tais pesquisas e trabalhos. O sr. Mário Leão, adverte-nos, ainda, que o volume segundo é composto dos livros anteriores à seleção de *"Poesias"*; são elas, pois, os *"Primeiros Sambos"*, as *"Sinfônias"*, os *"Versos e Versões"* e as *"Aleinias"* — descontados, nestes três últimos, os versos que Raimundo Correia não aproveitou em *"Poesias"*. A edição atual representa, por conseguinte, a segunda edição dasqueles três livros. Há, ainda, nova coleção de versos, publicados esparsamente.

em épocas diversas, e cujo mérito (como o ressalta o autor da seleção), também se apresenta, variável e incerto. A essa coleção, que faz parte do segundo volume, deu o sr. Mário Leão por título de *"Poesias Avulsas"*.

Estudando a significação destas *"Poesias Completas"* e sua valia no conjunto da riqueza poética do País, lembra o sr. Mário Leão que Raimundo Correia tinha o prazer e o hábito das versões e paráfrases. Muitas adaptações de poesias alheias aparecem em sua obra sem a indicação do autor respectivo. Ele, assim, mais um problema bibliográfico que teve de ser solvido pelo colecionador dos tratados do grande poeta parnasiense. Dáis pequenas poesias, que fazem parte das *"Sinfônias"* transladas no vernáculo, trazem, apenas, um nome: *Blasius*. São *"Dusa Morte"* e *"Nascer... morrer"*. Aprofundado o enigma, verificou o sr. Mário Leão existir mais de um poeta espanhol de nome *Blasius*. Custo-lhe largos meses de indagações, junto a erudiados estrangeiros, poetas e críticos de língua castelhana, a tentativa de saber quem era o *Blasius* autor daquelas poesias... Tem-se dito e repetido que a ideia central de dois sonetos — os mais famosos, aliás de Raimundo Correia — foi colhida em obras de autores estrangeiros. O pensamento de *"As Pombas"*, por exemplo, teria sido captado em Teófilo Gauthier... O sr. Mário Leão, sem negar a fonte inspirativa, defende a originalidade daquela composição de Raimundo Correia, que é muito mais completa e sugestiva do que o trabalho de Gauthier. A força, a arquitetura do soneto, a capacidade de sugestão pela sua imensa harmonia e perfeito colorido — tornam *"As Pombas"* propriamente original do autor brasileiro, que, com aquele único soneto, teria, só por si garantida a imortalidade nas letras poéticas.

Uma das grandes virtudes desta coleção — feita com a meticolosidade, a honestidade e o carinho que o sr. Mário Leão põe em todos os seus trabalhos — é reviver muitas poesias de Raimundo Correia de que, ou não tínhamos notícia nenhuma, ou já andavamos de todo esquecidos. Estas páginas permitem-nos sondar a profundidade daquele talento, e ajuizar a finura daquela alma. Há sonetos magistris, de que, porventura, pouca teria notícia em nossos dias. Vejamos intitulado *"Cítera"*, pertencente ao volume *"Aleinias"*, e que assim reza:

"Rebenta o mar de encontro ao duro peito  
Do acaulei que a defesa entrada velo,  
E ven lamber-lhe, em pétolas desfeito,  
As cárdeas conchas da alvacento ourela.

Netunios deuses, ante a flor mais bela  
Da Iónia, em seu profundo e salso leito,  
Estremecem de amor. Bate aos pés dela  
O coração das águas satisfeito..."

Franjam-lhe o manto as águas e os sargacos.  
Embalam-na rebombos e assobios;  
E envolta em doce e luminosa bruma.

Sente que a envolvem com lascivos braços  
Tríades e osculam grossos beijos frios,  
Bocas cheias de beijos e de espuma..."

Exceção feita daqueles desarmônicos "pés dela".

todo o soneto é uma sequência de perfeções. Notemos o uso do termo vulgar *beijos* (em vez do literário *lascivos*) para accentuar melhor a grossura do órgão na fantasiada criatura marinha. E atentemos neste musical verso, bem característico da musicalidade impiedável que marca os versos das nossas grandes parnasianas:

"As cárdeas conchas da alvacento ourela..."

"Tristeza de Momo", que também faz parte do volume *"Aleinias"* é outro admirável soneto de Raimundo Correia:

"Pela primeira vez, impias risadas  
Sustá em pranto o deus da zombaria,  
Chora, e vingam-se dele, néscia dia.  
Os silvanos e as ninhas ultrajadas.

Trovejam bocas mil escancaradas,  
Rindo; arrombam-se os diques da alegria;  
E estrota descomposta vozaria  
Por toda a selva, e apupos e pedradas...

Fauna e indígena; a Nálide o caçou;  
Sátiro via, da mais indigna laia,  
Zombam. Não há quem dele se condoia!

E Eco propaga a formidável vala,  
Que aleia, por fundos boqueirões reboca,  
E como um largo mar, rola, e se espraiia..."

A propriedade da expressão, neste catorze versos, é soberba. Note-se o uso do verbo *"espraiia"* com objetivo direto, e o emprego, tão discreto quanto adequado, das figuras mitológicas. Numa das habituals notícias explicativas, o sr. Mário Leão diz que, em certa variante do soneto, há virgula depois de *sustá*. Mais que isso, deveria haver, ali, ponto e vírgula — pontuação que não se justifica depois de *zombaria*, visto que a segunda oração do período é esta:

"...em pranto, o deus da zombaria chora..."

Há pleonasmos na frase? Sim — mas esta figura é comumíssima na linguagem poética. O que fica ininteligível é a oração: *"sustá em pranto o deus da zombaria"*. O que é *sustá*, são as risadas, evidentemente. Este estudo das variantes dos versos de Raimundo Correia deveria ser imitado por outros pesquisadores da obra dos nossos grandes artistas do verso. O sr. Mário Leão desenvolve-o com grandes recursos bibliográficos, pois que, há anos, se vem dedicando a esmerar edificações antigas, velhas coleções de jornais, todo um postreiro material de que vai tirando, com labor e honra, uma nova História da Literatura Brasileira. Há dias, registámos, nestas colunas, a existência de um projeto de lei que visa a dar, ao ilustre escritor recursos para a edição de *Obras Completas* de vários dos nossos prosaadores e poetas — bem como para dicionários bibliográficos de grande significação cultural. Deve o sr. Mário Leão prosseguir nessa provelta faina. É um modo de servir duplamente às nossas lettras: restaurando composições de há muito esquecidas e fornecendo-nos elementos bastantes para o cotejo de edições várias e para o estudo frutuoso da obra de alguns dos nossos mais expressivos autores nacionais.

## Raridades de Raimundo Correia

Da edição das *Poesias Completas* de Raimundo Correia, agora publicadas pela Editora Nacional em 2 volumes, figura no segundo tomo, uma série de 64 trabalhos do grande poeta que nunca tinham sido publicados em livro. Deu-lhe o organizador da edição o título de *Poesias Avulsas*, e as colocou, na obra, em seguida às *Aleinias*.

Desta parte importantíssima da obra de Raimundo Correia, reproduzimos os trabalhos que se seguem:

### Flora de tumulos

Na sepultura de Sócrates  
Vê-se a umbelífera em flor,  
De letal suco mortífero  
E forte e víruso odor

O salgueiro descabela-se  
Por sobre o vidente hebreu,  
Que a flébil harpa elegiaca  
Entre as ruínas tangeu.

Crece o altoiro robre da  
[Útica]  
No sepulcro de Catão;  
E no do Mártil do Golgota  
O capisheiro da paixão.

Na cova de Dante, tática,  
Braceja a árvore infernal;  
As rãs nas tentáculos,

As fólias — garras do Mal.  
Mas a flor que orna o sarcofago  
De Buda é difícil ver,  
Porque de século em século  
Abre, pra logo morrer.

### Conselhos

Vogar mais não vale a pena,  
Amarra o barco a esta boia;  
Não traves por outra Helena  
Segunda guerra de Troia.

Ouve um conselho de  
[amigo]:  
Deixa de muito escolher;  
Eu das mulheres só digo  
O que ouço a todos dizer.

Dizem de Cora que, quando  
Entra nos bailes, namora,  
Valsa demais, e valsando  
A perna mostra, e... não  
fica;

Nem por ver, dessa manela,  
Que a perna que mostra,  
fem vão.  
Não é de osso e carne in-  
[teira],  
Mas metade de... algodão.

De Pacifica, que atoa,  
Sem razão se assanha e  
[briga];  
E de Modesta (perdoa),  
que traz a rel na barriga...

Prudência — em nada é  
[cordata].

Benigna — maus modos  
[item];  
E ao novo de Fortunata  
A sorte grande não vem.

Os papalvos certos team  
De que não são, nem metade  
do que seus nomes indicam,  
Severa e Felicidade!

Aguia — vale um pagode;  
E destas outras o vulgo diz,  
Que é feliz, como se pode  
Na desgraça ser feliz;

Plácida — é plácida e  
[inmassa].  
Como onça ou como leda;  
E é, bem sabes, Esperança  
O desespero em pessoa.

Inocência — de peccados  
Está cheia, como vés;  
Diferentes namorados  
Tem Constância, em cada  
[mês];

Muito avara é — Genorosa;  
Angélica — é muito ingrata;  
E até, com língua maldosa,  
Dizem que Branca é...  
Inimata.

Rosa é bela? Embora o seja,  
(Se nos espinhos não for)  
Semelhante, há lá quem  
[veja],  
Mulher-rosa à rosa-flor!?

E poia, que inda em tempo  
[chego]  
Com meus conselhos: — se  
queres  
Ter na vida mais socêgo,  
Deixa em socêgo as mu-  
[lheres].

Ao pé da letra as não tomes,  
Porque as mulheres estão,  
Até com seus próprios  
[nomes],  
Em viva... contradição.



Raimundo Correia, em um dos seus retratos mais raros.

# A VIDA DOS LIVROS

AMARAL, Amadeu — Poesias. Introdução, seleção e notas de Manoel Carqueira Leite. Editora Anuário Lida. — São Paulo. 1945. 140 págs.

Amadeu Amaral tem agora uma fulgurante renovação. Surpreendem estas suas Poesias selecionadas e anotadas por Manoel Carqueira Leite. E na mesma frase, uma grande editora paulista promete para muito breve a apresentação das obras completas do escritor.

Retirado, clínicado, modesto, descrenado tanto de si e acasalada uma dícula que chateava tanto a mãe, Amadeu Amaral (o que é) ainda imagina-se-se olhando a sua fisionomia. Quase é uma sensibilidade de menino e suíl, é a alma que o agita com minúsculas fóveas na pele. São rincas, possadas, glórias, amores. Esta é a única coisa que predisponha à resignação e à renúncia que a alma quase franciscana, o clérigo daquele sacerdote que lhe constitui a sua mais íntima e profunda paixão.

É, é só, é um grande mal, é triste...

Amadeu Amaral — nascido em 1893 — pertence à geração dos criadores do panacheísmo, e terceiro capítulo de nosso historiador literário é que em geral é venoso estudo. Tem anotações intimas, porém intituladas e acompanhadas que muito o distanciam dos critérios de

exatidão e de medida precisa, que acabaram por se tornar tão censitivos na retórica parnasiana. Na sua alma de poeta há sentimentos vagos para os quais ele encontra uma vagas expressão. Aquelas versões da Sardina:

Teu sorriso tão suave  
é espiritual docura  
é suave e brando com...  
tu retorna...

És branda como a luz  
da manhã radiante,  
incerta como a névoa que  
discante.

Os que conheciam Amadeu Amaral na intimidade, só em simples camarsadagem, de um jornal de uma Academia, guardam a recordação de um homem suave e modesto, pouco preocupado em despontar na elética admiração e parecerão vivo perdido numa madrigal que não fundava. E, essa lembrança que retiveram dele dos poucos meses em que conviveram na *Gazeta de Notícias*, quando aquele tradicional estôncio da imprensa carioca estava sob a direção de Laudeílio Freire.

Aquela mesma alma sempre suave e gentil, incapaz de um gesto que não fosse de delicadeza e de acolhimento — a alma que antes já haviamos sentido nos versos, tornava-se com a qual virá trabalhar, no futuro, o escritor feita que pos-

a encontrar aqui, na seleção agora organizada, com tanto carinho, pelo sr. Manoel Carqueira Leite.

Acrescenta-se que a bio-bibliografia de Amadeu Amaral mereceu igualmente o cuidado do editor: aqui achamos removida a biografia do poeta, e achamos ao lado de sua minúscula bibliografia uma abundante relação de fontes sobre

sa abalarçar-se do grande quadro geral à síntese de toda a crônica da vida do país.

Com o seu incomparável amor ao território mineiro, levantou ele as várias colunas desse radioso monumento, que é a sua obra: e essas colunas chamam-se *História antiga das Minas Gerais*, *História Média das Minas Gerais*, *A Arte em Ouro Preto*, *História da Civilização Mineira* (que ficam incompletas).

E da primeira dessas grandes obras que o Instituto Nacional do Livro realiza agora uma reedição.

Diogo de Vasconcelos deu esse livro em 1904, na plena maturidade dos cinquenta e cinco anos. Havia seis anos que vinha compondo o trabalho, e evocou com certa poesia, o momento em que lhe vieram vontade de dar execução a tal estudo. — Em 1908 (dia 16) em sua advergência na sua casa de São João, tendo na forma do antigo costume, ouvido a missa na capela do morro, por ai me conservar algumas horas em meditação depois que o povo se retirou. Fazia no ato dois scênicos que a bandeira de Antônio Dias ali chegou para descolar o Ouro Preto... Concebido, então, o propósito de reunir as memórias que tinha, dos fatos sucedidos nessa época remota, pouco estudada, e muito mal divulgada pelos escritores até hoje aceitos como depositários da tradição...”

Foi esse o plano que ele, vencendo tantos e tantos obstáculos, logrou realizar.

O conceito cariayscale da história é bem verdadeiro, e ainda aqui sentimos que a história nata mais é do que o reflexo do temperamento e da ação dos heróis. Todo o terreno em que lorraram os cronistas e os historiadores do Brasil primitivo se transforma, desde logo, em um terreno de lenda. Pela magia daquele mundo inaugural, cheio de prodígios de mistérios, nós nos sentimos logo transportados para uma região que parece mais a de um poema épico do que a de uma crônica de história. E' essa a impressão que nos dão as cartas de um Nóbrega, ou de um Anchieta, quando eles descrevem o Brasil dos incôns. E' essa também a impressão que nos dá Cassiano Ricardo, quando, com a força de seu talento poético, vai desbravar, com os ban-

deirantes, os imensos mistérios do Brasil do Oeste.

Diogo de Vasconcelos, autivo e linear, não possui, certo, aquele poder de sugestão épica que às suas páginas sabe comunicar Cassiano Ricardo, nem possui tampouco o ar de ingenuidade e credulidade, que distingue Nóbrega e Anchieta.

Mas a matéria prima de sua narrativa é a mesma: é o mesmo, o encanto trágico do mundo despojado cujas cortinas ele entreteve em sua *História Antiga das Minas Gerais*, mesmo, igualmente rico e substancial dramática e humana, e o interesse das coisas que ele conta. Em suas páginas a velha terra de Minas Gerais vive e palpita, banhada de sol e vida, seduzindo e prendendo a todos, desde o dia em que o velho Marcos de Azevedo desembra o primeiro diamante brasileiro.

A margem desse episódio quanto outro episódio impressionante de drama e de dor aqui encontramos narrado! E no primeiro lugar a lembrar-lhe émos, leitor, aquele cruel e terrível momento em que o bardeante Fernando Dias se surpreende traído pelo filho e por vários outros companheiros da bandeira. O velho plantador de cidades não vacila, e dá a cada um deles o castigo apropriado. Ao filho ingrato mandou enforçar. Aos companheiros deu na conspiração perdoou a culpa, com a condição porém de se afastarem de sua bandeira. Isto é, condonou-o a morte mais dura e mais lenta em pleno coração das selvas.

Diogo de Vasconcelos caminha entre os seus assuntos da história mineira com a mesma volúpia com que o velho Fernando Dias caminhava outrora entre as suas emeraldas... se as tivesse encontrado!

No prefácio que fêz para o livro, Basílio de Magalhães evoca, citando as páginas de Almeida Nogueira, o feito bô-mo, alegre e gracioso de Diogo de Vasconcelos. E' pitoresco e farto o anedotário que cerca o velho historiador mineiro. Em Ouro Preto e em Belo Horizonte com certeza esse anedotário será muito mais rico que aquele que conheceu Almeida Nogueira ou conhecia Basílio de Magalhães. Parece urgente que algum mineiro amigo das tradições de sua terra recolha

## CRONOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

1762	Nascimento de Souza Cotia (24 de novembro).
—	Nascimento do Bitten-court e Sá (Manoel Ferreira da Camara).
1763	Data conjectural do nascimento do frei Frei Jabolatão.
—	Nascimento do naturalista Frei José da Costa Azevedo (16-9).
1763	Data possível do nascimento de Frei Silvério Ribeiro de Carvalho, ou Padre Silvério Paraopeba.
1764	Nascimento de José Elio Ottoni (1-12).
—	Nascimento de Vicente Coelho de Seabra Silva Tála.
1765	Nascimento de José Bonifácio, o velho (12 de junho).
1767	Nascimento de Maria Doretta Joaquina.
—	Publicação de Seixas Mayrink — a Marília de Direceu.
—	Nascimento de Luiz Gonçalves dos Santos (Padre Perereca (25-4)).
1768	Publicação do <i>Paraná Obsequioso</i> , de Claudio Manoel da Costa.
—	Publicação em Coimbra das <i>Obras de Claudio Manoel da Costa</i> .
—	Nascimento de Frei Francisco de S. Carlos (10-27).
1769	Nascimento de Tenreiro Aranha (4-9).
—	Publicação do <i>Uraguai</i> , de Basílio da Gama.
—	Publicação dos <i>Eustaquidos de Sta. Maria Itaparica</i> .
—	Nascimento de F. Vilela Barbosa, M. de Paranaguá (20-11).
1770	Publicação dos <i>Problemas de Arquitetura Civil</i> , de Matias Aires.
—	Data conjectural do falecimento de Matias Aires.
1771	Fundação da Academia Científica do Rio de Janeiro.
—	Nascimento de Luis Paulino de Oliveira Pinto França, poeta baiano. (30-6).
1772	Publicação em Lisboa de "A declamação trágica", de Basílio da Gama.
1773	Aparecimento do "Vila Rica", de Cláudio Manoel da Costa.
—	Nascimento de Antônio Carlos (1-11).
1774	Nascimento de Hipólito da Costa (13-8).
—	Publicação de "O deserto das Letras", de M. I. da Silva Alvaranga.
—	Nascimento de José Feliciano F. Pinheiro, V. de São Leopoldo (9-5).
—	Falecimento de Clemente de Lemos de Azevedo Coutinho e Melo (13-2).
1775	Data conjectural do nascimento de Joaquim José Silva, poeta mineiro.
—	Nascimento de Martinho Francisco, 1.º
1776	Falecimento de Angelo de Siqueira Ribeiro de Prado, cuja data de nascimento é incerta.
1777	Falecimento de Pedro Taques (janeiro).
1778	Nascimento de Fr. Francisco de Santa Tereza de Jesus Sampanho.
1779	Nascimento de Domingos Borges de Barros (10-12).
—	Nascimento de Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca.
—	Nascimento de Paulo (Continua na página 148)



RELOGIOS E CRONOMETROS DE PRECISAO

A VENDA NAS BOAS CASAS

## AUTORES E LIVROS

Propriedade de Mário Carneiro Leite

### ASSINATURAS

EM TODO O BRASIL:

Porte simples . . . . .

Porte registrado . . . . .

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7-12.º and. — 37-9527

### RIO DE JANEIRO, BRASIL

Distribuidor para todo o Brasil: Leônidas Lacerda — Praça Marechal Floriano, 55 — 2º andar. Fone: 42-5825.

Impresso nas oficinas da Editora Mory Ltda.

### Assinaturas e numeros atraçados

As assinaturas podem ser tomadas nos seguintes pontos (além da redação):

— Avenida Almirante Barroso n.º 72, 13.º andar — Fone: 22-5981, ramal 20. Tratar com o Sr. João Pinheiro Neto.

— Av. Rio Branco, 4-18.º andar — Fone: 22-1931. Tratar com Eurico Cardoso.

— Faculdade Nacional de Filosofia — 4.º andar. Tratar com Artur Farías.

Para numeros atraçados: os dois últimos pontos acima (além da redação).

### "SÃO PAULO"

#### COMPANHIA NACIONAL

#### DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 175, 18.º

#### DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker

Dr. Ernesto Teixeira de Assumpção

Dr. J. C. de Macedo Soares



# CLASSICOS JACKSON

Edição Jackson, que já u-  
deu as *Obras Completas* de  
Michel de Assis, as de Humberto de Campos, as de Afrâncio  
Peixoto, a valiosa *História do  
Brasil* de Eucha Pombô, além de  
tantos outros livros de grande  
significado para a nossa cul-  
tura — grata agora nova e re-  
levassíssimo serviço ao Brasil.  
Emprestou a monumental edi-  
ção da *Clássicos Jackson*, que  
que veio a ser esse novo em-

preendimento? É fácil e agra-  
dável dizer-lhe.

Os *Clássicos Jackson* consti-  
tuem uma galeria de 20 volu-  
mos, abrangendo autores que  
valem como uma verdadeira e  
feita síntese do poder de cria-  
ção espiritual dos homens des-  
de o alvorecer da civilização  
até aos nossos dias.

Ele como, representando um  
total de 8.230 páginas, fez  
constituir essa galeria de no-  
mes excelentes:

CIROPEDIA.

ORACOES.

GEORGICAS — ENEIDA.

SATIRAS:

OS FASTOS.

DIVINA COMEDIA.

DIVINA COMEDIA.

OS LUSIAS.

D. QUIXOTE.

D. QUIXOTE.

MACBETH — REI LEAR.

MORALISTAS ESPANHOS.

PENSADORES FRANCESES.

PARAISO PERDIDO.

CARTAS.

FAUSTO.

O GENIO DO CRISTIANISMO.

O GENIO DO CRISTIANISMO.

LENDAS E NARRATIVAS.

VIDA DO PE. ANTONIO VIEIRA.

MINHA FORMACAO.

vamente. Foram justamente es-  
tas as selecionadas para a edi-  
ção. Prefácio volume 3º, sr.  
Nelson Romero, catedrático do  
Colégio Pedro II.

**OTORACIO E OVIDIO** — Se-  
gue-se o volume que os edito-  
res reservaram a Horácio e a  
Ovidio, e esses dois poetas fi-  
cam, assim, como os repre-  
sentantes do latim latino, ao  
lado de Virgílio, representante  
da poesia didática e da poesia  
épica do mesmo e maravilhoso  
poeta.

De Horácio aqui achamos as  
Satyras, na tradução de Anto-  
nio Luiz Seabra.

De Ovidio achamos os "Fastos".  
Como se sabe, propriedade  
é de cantar nessas obras  
das lendas, festas religiosas,  
acontecimentos históricos e  
mudança das constelações, dia  
e dia, no decurso do ano. In-  
felicemente a morte atalhou esse  
trabalho, só tendo o autor con-  
seguido fazer a história dos seis  
primeiros meses. Embora fosse  
um empreendimento de ex-  
ecução difícil em consequên-  
cia da aparente esterilidade do  
assunto, Ovidio conseguiu criar  
uma obra quase perfeita, so-  
mente superada na Antiguidade  
pelos gênios universais de  
Homero e Virgílio. A tradução  
dos "Fastos" é de Castilho. A  
edição traz prefácio do prof.  
João Batista de Melo e Souza.

**A CIROPEDIA** — O primei-  
ro auto escolhido, e que na  
coleção ficou como o repre-  
sentante da cultura grega, é Xenó-  
fona, o general que comandou  
os famosos "Retratados dos De-  
Mil". Escreveu ela a sua "Ci-  
ropedia" com o intuito de dar  
as melhores e mais puras lues-  
as ao espírito do príncipe que era  
seu discípulo, Ciro o Mago. Sua  
"Ciropedia" ou "Educação de  
Ciro", é uma das mais inter-  
essantes obras da Antiguidade  
e acusa-se traduzida em tö-  
das as línguas cultas. Seu valo-  
r é atestado pelo simples fato  
de ainda hoje ser citado e estu-  
diado por todos os pesquisadores  
que desejam adquirir cultura, aper-  
çar de tal obra escrita há mais  
de 2.000 anos. A tradução é de  
autoria do escritor e filólogo  
português João Félix Pereira,  
fita diretamente do original  
grego. Prefaciou-a o professor  
Antônio Nascente, catedrático  
do Colégio Pedro II, erudito e  
profundo conhecedor do grego.

Os volumes segundo, terceiro  
e quarto foram dados à cul-  
tura latina, e se destinam a nos-  
mestres Cicerô, Virgílio, Horá-  
cio e Ovidio.

**AS ORACOES DE CICERO** —  
Uma seleção das "Orações"  
de Marco Túlio Cicerô, fico  
constituindo o segundo volume  
e é nessa obra que os "Clássicos  
Jackson" nos dão o modelo  
desse inespreável maravilhoso de  
harmonia, soberânia e pureza, que é  
a prosa latim. A tradução é  
do padre Antônio Joaquim da  
Congregação do Oratório, e é  
reputada célebre. Para prefácio  
o volume foi escolhido o  
professor Almino Arantes, da  
Faculdade de Direito de São  
Paulo, que é exímio latimista.

**AS GEORGICAS e ENEIDA**

Seguem-se, constituindo o  
volume terceiro, as duas obras  
primas de Virgílio: "As Geor-  
gicas" e "A Eneida". O primeiro  
como toda a gente sabe, é um  
soco cívico, enaltecedo o  
amor à terra, incentivando o  
cultivo agrário. O segundo,  
poem épico em 12 cantos, tem  
por assunto as aventuras de  
Eneias e a fundação de Roma.  
Essa obra foi considerada a  
epopeia nacional dos romanos,  
como a "Ilíada" formou a dos  
gregos. As traduções mais con-  
certadas dessas duas obras do  
gênero latim são as de Antônio  
Feliciano de Castilho e de Ma-  
nuel Odeteiro Mendes, respecti-

vamente. Foram justamente es-  
tas as selecionadas para a edi-  
ção. Prefácio volume 3º, sr.  
Nelson Romero, catedrático do  
Colégio Pedro II.

**MACEETH** — todos sabem —  
é a história de um general es-  
cocês que não triunfou em assassinar  
o seu rei para suceder-lhe no poder, movido pela ambi-  
ção. As cenas dos remorsos de  
Iudeu Macbeth são das mais  
trágicas em toda a literatura  
universal. REI LEAR é a nar-  
rativa das vicissitudes por que  
passou o velho rei que dividiu  
o seu reino entre duas filhas  
que fingiam amá-lo, pretendendo  
a herança, que verdadeiramente  
não estimava. A desonra da  
loucura de Lear é de um  
trágico inigualável. A tradução  
de MACEETH esteve a cargo do  
poeta brasileiro Arthur de Sales, que também se  
encarregou do prefácio ao volume.  
REI LEAR foi traduzido pelo  
jornalista e professor Jor-  
ge Costa Neves.

**MORALISTAS ESPANHOS**

O volume XI foi reservado  
aos Moralistas Espanhós, em  
uma seleção feita pelo profes-  
sor David Pérez. O volume é  
dos mais importantes, por ser  
os mesmos frequentes no con-  
tacto do leitor brasileiro. Come-  
çando por Juan Luis Vives, nascido em 1492, vai até 1658.  
O volume é de morte de Baltasar  
Gracián, abrangendo cento e  
cinquenta anos do período mais  
brilhante das lettras espanholas.  
Além das sermões tru-  
tamente. Foram justamente es-  
tas as selecionadas para a edi-  
ção. Prefácio volume 3º, sr.  
Nelson Romero, catedrático do  
Colégio Pedro II.

**OTORACIO E OVIDIO** — Se-  
gue-se o volume que os edito-  
res reservaram a Horácio e a  
Ovidio, e esses dois poetas fi-  
cam, assim, como os repre-  
sentantes do latim latino, ao  
lado de Virgílio, representante  
da poesia didática e da poesia  
épica do mesmo e maravilhoso  
poeta.

De Horácio aqui achamos as  
Satyras, na tradução de Anto-  
nio Luiz Seabra.

De Ovidio achamos os "Fastos".  
Como se sabe, propriedade  
é de cantar nessas obras  
das lendas, festas religiosas,  
acontecimentos históricos e  
mudança das constelações, dia  
e dia, no decurso do ano. In-  
felicemente a morte atalhou esse  
trabalho, só tendo o autor con-  
seguido fazer a história dos seis  
primeiros meses. Embora fosse  
um empreendimento de ex-  
ecução difícil em consequên-  
cia da aparente esterilidade do  
assunto, Ovidio conseguiu criar  
uma obra quase perfeita, so-  
mente superada na Antiguidade  
pelos gênios universais de  
Homero e Virgílio. A tradução  
dos "Fastos" é de Castilho. A  
edição traz prefácio do prof.  
João Batista de Melo e Souza.

**A DIVINA COMEDIA** — Do  
mundo romano, passa-  
mos à triste e metafísica Idade  
Média. Esta se encontra, na  
coleção, representada por  
Dante Alighieri, com a sua  
"Divina Comédia". A tradução  
escolhida foi a de Xavier Pi-  
neiro, que vem cuidadosamente  
anotada. Traz prefácio de  
Raúl de Pollo.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**O DOM QUIXOTE** — A  
obra prima de Cervantes re-  
servaram os editores os volu-  
mos citado e novo da notável  
coleção. Vem a história do Ca-  
valheiro da Triste Figueira na  
inexcedível tradução de Antônio  
Feliciano de Castilho e traz  
prefácio — verdadeiro estudo  
sobre Cervantes — de autoria  
do escritor espanhol Federico  
de Onís, professor da Universi-  
dade de Columbia.

**SHAKESPEARE** — Vem a seguir

o volume reservado aquél que é

universalmente considerado o

maior gênio da poesia huma-

na. "O Dom Quijote" formou

a obra-prima da literatura

universal.

**OS FASTOS** —

De Ovidio achamos os "Fastos".  
Como se sabe, propriedade  
é de cantar nessas obras  
das lendas, festas religiosas,  
acontecimentos históricos e  
mudança das constelações, dia  
e dia, no decurso do ano. In-  
felicemente a morte atalhou esse  
trabalho, só tendo o autor con-  
seguido fazer a história dos seis  
primeiros meses. Embora fosse  
um empreendimento de ex-  
ecução difícil em consequên-  
cia da aparente esterilidade do  
assunto, Ovidio conseguiu criar  
uma obra quase perfeita, so-  
mente superada na Antiguidade  
pelos gênios universais de  
Homero e Virgílio. A tradução  
dos "Fastos" é de Castilho. A  
edição traz prefácio do prof.  
João Batista de Melo e Souza.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-  
vado a el-rei Camões e à ma-  
ravilhosa epopeia dos "Lusias".  
Traz a edição prefácio de Afrâncio  
Peixoto, e essa pá-  
gina foi uma das únicas que  
escreveu aquélle eminent e sa-  
uado escritor brasileiro.

**OS LUSIAS** — Segue-se o  
volume sétimo, que foi reser-

# História do Jornalismo no Brasil: Ferreira de Araujo

Ferreira de Araujo

José Ferreira de Souza Araujo nasceu no Rio de Janeiro, em 25 de março de 1846. Era filho de José Ferreira de Souza Araujo e de D. Helena Matilde de Souza Araujo.

Estudou Medicina na Faculdade do Rio de Janeiro, e, durante o curso, foi interno do Hospital da Misericórdia. Depois de formado, continuou atuando nesse estabelecimento, e nou também para o quadro do Hospital Militar de Andaraí.

A manifestação primordial de Ferreira de Araujo, porém, não se encontrava na Medicina, mas no jornalismo. Começou por a sua colaboração a jornalinhos insignificantes, como o *Mosquito* e o *Guarani*.

Ali ascendeu, até se tornar, no determinado momento, o renovador da imprensa brasileira, com o imprimor à *Gazeta de Notícias* novas e mais modernos moldes jornalísticos. Fandando esse órgão, em 1875, com Manuel Carreiro, logo o exponhou no sentido de sua renovadora concepção jornalística. Os fatos dessa orientação ficaram immortalizados no apreço e na celebração dos contemporâneos. Um deles, Olavo Bilac, dirá, quando já no auge de sua glória, a emoção com que, rapaz amante, sonhava coligar na folha de Ferreira de Araujo: "Nunca houve dama, fidalgia e beleza, que mais inacessível parecesse no amor de um pobre e humilde: — escrever na *Gazeta*; ser colaborador da *Gazeta*; ser da casa, estar no lado da gente ilustra que lhe dava brilho — que sonho! A *Gazeta* era para mim um acrópolis tuíguido, coroado de estrelas, perdido entre nuvens...".

E tinha razão Bilac. Ferreira de Araujo reunira nas colunas de seu jornal uma companhia ilustra, na qual se destacavam um Machado de Assis, um Eça de Queiroz, um Ramalho Ortigão, um Alberto de Oliveira, logo depois um Olavo Bilac e um Pardal Mallet, ambos entrados no mesmo dia — 24 de abril de 1880.

Escritor eminentemente tanto quanto eminente jornalista de combate político, Ferreira de Araujo encontra-se como igual, como colega, entre esses poetas, esses românticos, esses ensaiistas brilhantes. Tem na seção *Palas de Estilo*, a responsabilidade de um dos pseudônimos — o de Lulu Senior. Essa responsabilidade resulta considerável, quer aí não se saibamos que os outros colaboradores da revista sejam chamavam-se Machado de Assis (Leão), Henrique Chaves (Blancho), Manuel da Rocha (Ly)...

Homem de letras, escritor de teatro, principalmente, Ferreira de Araujo deixou numerosos livros, originais ou traduzidos. Na ocasião da fundação da Aca-

(Continua na página 148)

## BIBLIOGRAFIA DE FERREIRA DE ARAUJO

- *Da alimentação. Do valor relativo dos sinal diagnósticos da prenhez. História médico-legal do aborto. Do diagnóstico e tratamento das febres perniciosas mais frequentes no Rio de Janeiro* — Tese apresentada à Faculdade de Medicina, etc. — 51 págs. — Rio, 1867.
- *Depois da morte ou a vida futura, segundo a ciência*, por Louis Figuer — Versão — 386 págs. — Havre, 1877.
- *O Primo Basílio* — Comédia em um ato, a propósito do romance de Eça de Queiroz. Foi escrita especialmente para o benefício do ator Silva Pereira. Representada, pela primeira vez, na Fenix Dramática, em 27 de maio de 1873.
- *Jonathen* — Comédia em 3 atos Goudinet, Oswald e Gefferd. — Tradução — 189 págs. — Rio, 1880. Foi representada, no Rio, pela primeira vez, no Teatro Luiz, em 11 de julho de 1880.
- *A filha unica* — Drama de Teobaldo Cicconi. Tradução de Ferreira de Araujo e Vivaldo Coaraci. — Representado no Teatro S. Luiz, em 21 de agosto de 1881.
- *Causas políticas* — Artigos publicados na *Gazeta de Notícias*, de março a dezembro de 1883 — 258 págs. — Rio, 1884.
- *Fagundes* — Comédia de costumes em 3 atos — Levada à cena em outubro de 1884.
- *Palas de estilo* — Rio — 1887. É uma série de artigos humorísticos da *Gazeta de Notícias*, na qual Ferreira de Araujo tinha a responsabilidade de um pseudônimo Lulu Senior — ao lado de Machado de Assis (Leão), Henrique Chaves (Blancho), Manuel da Rocha (Ly).
- *Macacunhos* no Sôrão — Rio, 1888. É outra seção do mesmo gênero — esta diária — também da *Gazeta de Notícias*. Ferreira de Araujo nele usa o pseudônimo de José Teila.
- *Os Médicos* — Peça em 3 atos, acomodada à cena brasileira. Representada pela primeira vez no Teatro Luiz, em 8 de julho de 1888.
- *A Baronesa* — Comédia em 4 atos, traduzida do francês. Foi representada no Teatro S. Luiz.
- *Um chapéu de palha de Itália* — Drama em cinco atos de Teobaldo Cicconi. Tradução de Ferreira de Araujo e Vivaldo Coaraci. Representado no Teatro S. Luiz.
- *A Política* — É uma coleção numerosa de artigos publicados na *Revista Brasileira*, a partir de Janeiro de 1896.

## ALGUMAS FONTES SOBRE FERREIRA DE ARAUJO

- *O Álbum* — n.º 31 (Julho de 1893).
- *Barbosa, Rui — A Imprensa* — 22 de agosto de 1900.
- *Bilac, Olavo — Ferreira de Araujo* em "Crítica e Fantasia" — pág. 221.
- *Bilac, Olavo — Introdução a "Fábulas e Fábide"*.
- *A Cigarraria*, 6 de junho de 1893 (nota com retrato).
- *Dom Quixote* (várias charges) — 8-1-1879, 30-8-1879, 1-11-1879, 10-7-1880, 2-10-1880 e 23-10-1880.
- *Galeria Nacional* — Vol. Iº — pág. 92.
- *Gama, Chichorro da (A.C.)* — Escravos literários — página 102.
- *Gazeta Literária* — Nota só-
- bre *Colas Políticas* — 20 de dezembro de 1884 — pág. 230.
- *Mequerefe* — Retrato — Janeiro de 1891.
- *Pacheco, Félix — Discurso na solenidade da inauguração do busto de Ferreira de Araujo no Passeio Público — Almanaque Garnier de Janeiro de 1914 — pág. 447.*
- *A Semana* — 13-6-1885 e 21-8-1886.
- *Semanas Ilustradas* (várias charges) — 8-1-1879, 30-8-1879, 1-11-1879, 10-7-1880, 2-10-1880 e 23-10-1880.
- *Silva, Inocêncio Francisco da — Dicionário — Vol. 12.*
- *Zeca — Ferreira de Araujo* (na galeria jornalística) — *A Semana*, 13-6-1885.

## O DIVORCIO E O SENADO

Ferreira de Araujo

Calu no senado, aliás por uma pequena maioria de cinco votos, o projeto de lei do divórcio. Sabe-se que o projeto era eminentemente conservador, pois apenas autorizava essa medida em dois casos: adulterio provado e tentativa de assassinato.

Ainda assim, só permitia o divórcio ao cabo de dois anos de separação, para dar tempo aos conjuges de bem pensarem a situação em que se achavam, aquela em que iam colocar-se, e a situação em que ficavam os filhos. Não obstante isso foi rejeitado.

O que quer dizer que o Senado brasileiro entende que o conjugado traido e obrigado a passar durante toda a vida a culpa do outro; e que quando a vítima é a mulher, ela tem de renunciar a toda a esperança de felicidade, a todo bem estar, e ficar para sempre presa a quem a desprazou. Quer dizer mais, que o conjugado contra cuja vida outro atentou, não tem o direito de procurar em sua fraqueza o apoio de terceira pessoa dotada de melhores instintos.

O senado brasileiro não desconhece que as leis não têm força contra os paixões, contra as necessidades materiais, mas prefere que o conjugado que tem razão para divorciar-se se entregue ao concubinato, constitua família irregular, procrie filhos e privados do direito de herdar e de usar o nome de seus progenitores.

O Senado teve em sua campanha contra a lei moralizadora e justa o aplauso dos sacerdotes católicos. É uma verdadeira aberração do espírito religioso o que leva o padre a pregar a indissolubilidade do casamento civil, que só considera uma coisa sem valor, qual uma coisa não existente. Para o padre que tem em relação a elas qualquer dependência, e obter a fraqueza humana, o que já não obtem pregando a doutrina.

Em sua obsessão, o padre não vê a própria inconveniência, não vê que faizem completamente o espírito de sua religião. De uma questão de fé, que é de devoção a benção do ministro de Deus. Podem todas as leis moralizadoras, que não tem o direito de abranger o casamento civil, que só considera uma coisa sem valor, qual uma coisa não existente. Para o padre que tem em relação a elas qualquer dependência, e obter a fraqueza humana, o que já não obtem pregando a doutrina.

Em sua obsessão, o padre não vê a própria inconveniência, não vê que faizem completamente o espírito de sua religião. De uma questão de fé, que é de devoção a benção do ministro de Deus. Podem todas as leis moralizadoras, que não tem o direito de abranger o casamento civil, que só considera uma coisa sem valor, qual uma coisa não existente. Para o padre que tem em relação a elas qualquer dependência, e obter a fraqueza humana, o que já não obtem pregando a doutrina.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá; o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em

todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante.

Para ele o que importa é o domínio das leis que ele dá;

o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as apariências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o impetrar.

# S A N T A I R I A

## I UM SONETO DE ANTONIO NOBRE

Um dos sonetos mais formosos do formidíssimo Sô de Antonio Nobre, é aquele dedicado a Santa Iria. É a obra-prima da poesia portuguesa:

### SANTA IRIA

#### Que floresceu em Nabancia no século VII

Num rio virginal d'água clara e mansa,  
Pequeno baixel, a Santa vai bolando,  
Pouco a pouco dilui-se o ouro das suas tranças  
E diluído, viem-se as águas alourando.

Oculta-a um resplendor de verdes Esperanças.  
Unge-lhe a fronte e luar (os Santos-Olhos) brando  
E, com a graça eterna e meiga das crianças,  
Permeou Iria vai bolando, vai bolando.

Os cravos e os jasmães abrem-se à luz da Lúa,  
E, ao verem-na passar, fantástica barquinha,  
Murmuram entre si: E um mármore que flutua!

Ela entra, enfim, no Oceano... E escuta-se ao luar  
A voz do pescador rezando a ladinha  
Pelos que andam, Senhor! sobre as águas do Mar...

Leça, 1883.

Ao estudar a coleção da Semana de Valentim Magalhães, encontrei no 1º volume, no número de 5 de setembro de 1885, esse mesmo soneto. Trás ali a data de 1885, Leça da Palmeira; e se anuncia como pertencendo a um livro chamado Alberces — que, como se sabe, Nobre nunca chegou a publicar.

Gostei de ter encontrado o trabalho de Nobre na Semana, porque pude, assim, comparar aquela primeira forma, dada em jornal, no mesmo ano em que foi composto o soneto, com a forma definitiva, dada no livro. E a comparação, como se vê ver, é curiosa — pela alteração completa do sentido espiritual e poético, e até religioso, do soneto; pelas modificações artísticas que o poeta introduziu em vários versos.

\*

Primeiramente, o soneto, tal como aparece na Semana, não celebra "Santa Iria, que floresceu em Nabancia no século VII"; mas, sim, Santa Cecília. Indica-se, em seu título, que ele foi feito "sobre um quadro de Delaróche".

Iria ou Cecília? Pode um poeta cantar e celebrar com sinceridade, em igual termos, as duas santas, de maneira que indiferentemente põe em sua declaração de amor e de saudade o envelope de uma ou da outra?... Não creio. Elas são, na figura humana, na emoção e na beleza com que viveram, no encanto da lenda que inspiraram, em tudo, diferentes. Só o capricho de um poeta meio gira poderia chegar a confundi-las assim...

Quanto às alterações do estilo é da forma, embora não sejam muito numerosas, constituem, acaso, um bom modelo dos trabalhos desse gênero. Posso indicar esse modelo, como estudo e medição aos aprendizes de poesia, quer dizer a todos os poetas do mundo. São as seguintes as alterações feitas por Nobre:

1º verso — Onde está o adjetivo claras estava antes o adjetivo puras. Era assim o verso: Num rio virginal de águas puras e mansas;

3º verso — Onde está: Pouco a pouco dilui-se, estava: Dilui-se, pouco a pouco;

4º verso — Estava assim: E vai suavemente as águas aletrâneas;

5º verso — Onde está de verdes, estava o adjetivo verdes. Era assim o verso: — Circunda-a um resplendor luzente de esperanças;

6º verso — Estava assim: — Unge-lhe a face um luar sereno, unívoco e brando;

8º verso — Onde está Formosa Iria, estava Santa Cecília.

9º verso — Onde está abrem-se, estava abrem:

12º verso — Onde está: Ela entra, enfim, no Oceano, estava: Ela entra no Oceano,

São essas as diferenças que o soneto apresenta, entre a cópia que está no livro e a que está na Semana. Não é preciso dizer que, todas melhoraram o hino poesmarinho. Nobre era um grande poeta, e não é desse que descobrem emendas piores que o soneto ruim que fizeram...

—

## II História de Santa Cecília

— Cecília ou Iria? Qual será a verdadeira, a legítima dona do soneto de Antonio Nobre? — Por mais que amemos e adoramos Santa Cecília (e ela é, realmente, digna de amor e de adoração), só ante a lâmpada de Iria podemos rezar a prece apaixonada do poeta português. E a sua a lenda que confere com a ética moral e religiosa do soneto. A expressão humana, anatômica e divina de Santa Cecília é outra, é muito outra.

Vou à Legenda Dourada, e é na poesia ingenua e comovida de Jeques de Voragine que leio a história de Santa Cecília. — Era ela filha de uma família patrícia de Roma, e desde criança foi cristã: trancou o Evangelho consigo no aulo, e não cessava noite e dia, seus colo-

quinhos com Deus... O principal pedido que fazia, em suas orações, era que lhe fosse concedida a graça de nunca perder a virgindade. Fizera-se grande musicista, e era hábil no tocar vários instrumentos. Certo dia viu-se noiva de um rapaz chamado Valeriano, e, por mais que procurasse evitar o casamento, não podia fugir ao leito de esposas. Protegê-la-se em rudes cíclios, conseguiu fugir aos carinhos do marido. Certo noite, estando só com ele, revelou-lhe um segredo: Havia um anjo de Deus que a amava, que velava sobre o corpo dela... Se Valeriano quisesse manchar o corpo dela com um pecado do amor, o anjo se vingaria, matando-o... Valeriano, naturalmente, não acreditou nessa história de anjo. Cecília mandou-o, então, à presença do santo velho Urbano, para que se purificasse. E Valeriano viu Deus, e pode acreditar e ter fé. E convertido e batizado, voltou à presença de Cecília. Ao entrar no quarto da esposa, encontrou-a conversando com o seu anjo. Este trazia na mão duas coroas de lirios e rosas. A cada um das esposas deu uma dessas coroas, e disse a ambas:

— Guardai essas coroas de um coração sem mancha e de um corpo sem impurezas. Eu as trouxe do Paraíso de Deus. Elas não poderão murchar nem perder o perfume, e só serão visíveis para os olhos dos que guardarem a castidade...

A Valeriano, como recompensa pela sua bondade, concedeu o anjo a realização de qualquer desejo que ele expressasse: o rapaz pediu a conversão de seu irmão Tiburcio. Sucedeu isto, e, nesse momento, visitou o irmão e a cunhada. Tiburcio também viu o milagre das rosas, e acreditou no Deus uno e trino...

Começaram, daí, as lutas de Cecília, Valeriano e Tiburcio contra os pagãos. Era Governador um certo Almáquio, que se divertia mandando massacrar cristãos e deixando-os impinguados. A sinta e os seus dois compatriotas enterravam os corpos abandonados dos seus amigos em Cristo. Foram os três mandados para a prisão, sob a guarda de Maximino: na enxovia converteram a Maximino e a todos os careceiros. Conduzidos até à presença de uma estátua de Júpiter, Valeriano e Tiburcio nesaram o deus pagão. Foram, então, decapitados.

Pouco depois, fez Almáquio vir Cecília à sua presença. Interrogando-a, ouviu respostas de uma firmeza tranquila e terrena. Disse-lhe ela:

— Tu podes tirar a vida aos vivos, mas não a podes dar aos mortos. E, pois, o ministro da morte, e não da vida.

Em certo momento, Almáquio perguntou-lhe de onde lhe vinha tanto orgulho. Ela respondeu: "Não é orgulho: é constância".

Não conseguindo fazê-la adorar os ídolos, o Governador condenou-a ao suplício da água fervendo. Durante um dia e uma noite ficou a moça num banho dessa água, queimando. Com o auxílio de Deus, Cecília ali ficou como se estivesse na água fria: nem uma gota de suor apareceu em sua fronte. Almáquio determinou que a decapitasse mesmo no banheiro. Três vezes o carregou feriu seu formoso pescoço, sem conseguir separar a cabeça do corpo... E como não lhe era permitido dar um quarto golpe, teve de deixar na água o corpo semi-mutilado de Cecília. Ela ali viveu, meio morta, durante três dias. Pôde ainda distribuir com os pobres tudo o que possuía. Quando morreu, Santo Urbano a enterrou junto aos Bispos e benzeu a sua casa (conforme lhe pedira), para a transformar numa igreja. Ocorreu Iria tudo no século III, no tempo do Imperador Alexandre. Outros dizem que foi no tempo de Marco Aurélio.

Cecília ficou sendo uma das santas de mais maravilhoso encanto em toda a mitologia cristã. Ficou sendo a protetora da música. E a circunstância de a vermos identificada, dessa forma, com a mais bela e a mais alta das artes, mostra-nos que na eternidade ela está perto, mas muito perto, do coração de Deus.

III

## Lenda de Santa Iria

É, pois, Santa Iria a dona do soneto de Antonio Nobre.

Tomando conhecimento da lenda de Iria, é que verificamos que somente a figura dela poderia o poeta ter no espírito, quando sentiu a inspiração daqueles versos.

Iria, ou Iria, nasceu em Nabancia, hoje Tomar, no século VII. Era de família nobre e fez-se monja no convento do abade Célio. Dele enamorou-se o jovem Britaldo, filho do Conde Castilnovo, Governador de Nabancia. Diz Garrett, de quem recolho essas informações, que mesmo as santas gostam de ver os homens sofrendo de amor... quando elas são a causa desse sofrimento... Não sei se isso é verdade. Sei que Iria, certa manhã, foi à casa de Britaldo, a fim de curá-lo de seus sentimentos. Impôs na fonte escaldante do rapaz as suas doces mãos de santa. E, como por milagre, logo Britaldo curou sua paixão.

Mas, agora que estava curado aquele doente, outro mais grave surgiu no caminho de Iria — o monge Romigio, mestre e diretor da moça. Repelido por ela, jurou Romigio vingar-se. Para isso simulou-se, ela também, curado do seu amor. Mas preparou para Iria uma bela estranha, que deu à moça toda a apariência de uma gravidez. Informado de que aquela que tanto adorava não era a pureza que ele findara por aceitar, sentindo, por outro lado, remanescentes os seus desejos, agora que ela pertencia a outro — Britaldo volta a requerer Iria. Ela, de novo, o repele. O rapaz delibera, então, tomar uma vingança definitiva. Chama

## Mucio Leão

um criado, de nome Banam, e manda matar Iria. Costumava ela ir, todas as noites, a uma gruta que havia perto do rio Nabão, e ali se recolhia em colôquios com Jesus. Foi ali que a esperou Banam, foi ali que ele a matou. Depois tirou a morta o hábito que o recobria, e lançou-lhe ao rio o corpo. Tomou-o em suas águas o Nabão, levou-o ao Zerere. Este, por sua vez, o carregou para o Tejo. E foi o Tejo que, consumido o que restava de Iria até Scabiacastro, ali a bateu-as suas águas, e o enterrou como convinha. Mas tarde cresceu e prosperou o luar em que dormiu a santa. E Scabiacastro tornou-se a sugestiva, a poética Santarem — que é como quem disse Santa Irene, Santa Iria...

Enquanto as águas levavam Iria, enquanto a terra e o rio fief, teve o abade Célio uma revelação de que estava acontecendo. Convocou, então, os monges e o povo de Nabancia, e todos juntos se dirigiram à Ribeira de Santarem. Ali, ele benzeu as águas do rio. Estas se abriram. E, em fimo alastrado, erguido pelas mãos dos anjos, apareceu o túmulo de Iria. Retiraram a pedra e viram o corpo da mártir. Querendo tirá-lo dali, não o puderam fazer, tanto ele pesava. Compreenderam que era deus da santa ali ficar, entre as águas que tão piedosamente a tinham transportado. Ali a deixaram, e levaram somente algumas relíquias — uns fios de seus cabelos, uns pedaços de sua túnica.

Passaram-se seis séculos e meio. Um dia, Santa Isabel, mulher do Rei D. Diniz, se dirigiu ao rio, no lugar em que se sabia que estava, dormindo em seu túmulo, o corpo de Iria. Rezou ali com tanto fervor às águas do rio, que estas se abriram, e, de novo, deixaram ver o resplandente sepulcro erguido pelas mãos dos anjos. A pé exulto, acompanhada do seu real esposo, entrou Isabel pelo leito do Tejo, e chegou até junto ao túmulo de Iria. Por mais esforço que se fizesse, não foi mais possível abrir a sua tampa. Então D. Diniz mandou erguer a tumba pressa, sobre o túmulo, um pendão tão alto que as águas não o cobrissem, nem em sua maior enchente. Três séculos e meio depois (em 1644), a Câmara de Santarem mandou refazer em canácaria lavrada, com a imagem da santa, o marco de Dom Diniz.

Ela é a história, sem dúvida poética e encantadora, de Santa Iria. Ela, a santa, se tornou um dos objetos mais conoventes da religião portuguesa. E sua figura tem inspirado, através dos séculos, os mais doces poemas, as xácaras mais enternecidas.

IV

## A lenda de outra Iria

Ela mesma, ou a outra Iria?

Porque, como nos conta mestre Garrett, tão amores das tradições de seu doce Portugal, há duas santas Irias... Ambas moças, ambas adoráveis, a tradição as confundiu. E elas acabaram por formar, na imaginação popular, uma única figura de poesia e infelicidade.

A outra Iria parece ter sido a que ficou imortalizada nos romances populares. Era uma formosa moça, que, estando em casa de seu país, viu chegar, a horas mortais, pedindo pousada, um cavaleiro. Acolhido com atenção, este, que era um homem de maus propósitos, levantou-se de noite, foi ao quarto de Iria, arrancou-a da cama. Em seguida, montando a cavalo, carregou-a para longe, e ao chegar a um sítio que lhe pareceu propício, tentou violentá-la. A moça resistiu, e o bandido, a degolou. Passaram-se sete anos, e o assassino voltou àquelas terras, onte tinha tido tão triste avenura. Viu, no lugar em que deplorava a moça, uma ermida, e, indagando de que santo era, foi-lhe respondido que era de Santa Iria. Ele compreendeu então a monstruosidade de seu crime sem nome — o de ter raptado, o de ter tentado violentar uma santa. Vai à ermida, cal em prantos diante da imagem de Iria, dizendo:

"— Minha Santa Iria, meu amor primeiro.  
Se me perdoares, seré teu româneo".

As que, muito severamente, a santa responde:

"— Perdoar não te hei de, ladrão carniceiro.  
Que me degoliste que nem um cordeiro".

É claro que a lenda da primeira dessas duas santas representa um elemento de poesia e drama infinitamente mais rico e complicado do que a da segunda. Na última temos apenas um cavaleiro amoroso que, procurando possuir a mulher de seus desejos e não logrando o seu intento, a assassinou. Na outra temos o duplo romance do amor e do crime — dois indivíduos apaixonados pela mesma moça, um deles a matando porque a julga amada do outro; temos o rio transformado, à manha pagá, em personagem consciente, carregando a sua santa para o lugar em que ela deseja dormir seu último sono; temos os anjos erguendo o túmulo dentro das águas do rio; e temos, enfim, a visita piedosa dos reis ao túmulo em que jazia o corpo da santa.

É evidente que a poesia ama e procura tudo o que é mais simples. O romance folclórico que Garrett contou dedicado à lenda de Santa Iria é altíssimo aquela que foi jogada pelo cavaleiro, e não aquela que foi jogada no rio.

Os poetas eruditos, porém, parecem preferir a Iria que foi levada pelas águas. E a esta que se refere o soneto de Antonio Nobre que deu origem a esta

# "O CORVO", DE EDGAR POE

Meu noite seria, hora triste! alquebrado  
E de tédio vencido, uma vez, debrugado  
sobre tomo e mais tomo, em que antigos autores  
Esqueceram saber, saber, que bem raros leitores  
Têm hoje, eu meditava, o lido ponderando,  
Que em tais livros de antanho andara consultando,  
E já, do cochilar, meio ao sono passava,  
Quando ouvi de repente um bater, que scava  
A porta de meu quarto, ali à mão, baixinho,  
Cusio o bater de quem, batesse de mansinho,  
Batesse de mansinho & porta do meu quarto.  
Dentro em mim, mal o ouvi, disse eu: "A horas tal,  
Quem pode vir bater à porta do meu quarto?  
Algum, que me procura. Há de ser. Nada mais".

Eu então — claramente ainda hoje o relembrão:  
E o respeito, no chão, cada braço deixava,  
E o seu espectro, no chão, cada braço deixava,  
que, nos poucos, a morrer, no lar agonisava.  
Affio estava eu já por que nascesse o dia;  
E eu via, dessa leitura, ao meu sofrer, queria  
Tíhar alívio — alívio a crua e dura máguia;  
Alívio, que abrandasse a enorme, a funda máguia  
De haver perdido, haver perdido, ó, sim! Lenora,  
A virgem radiante, a quem os anjos chamam  
Lenora — Aquela a quem, nos céus triunfais.  
Lenora, lá no céu, os anjos ora chamam  
E nesse não terá na terra nunca mais!

E frouxo farfalhar, que vinha das cortinas  
De seda roxa, incerto e mesto, nas retinas  
Me punha viões tais, e, na alma, tais terrores  
Que iguala nunca em sentiria; e em tão cruel tremores  
Me entrava a sacudir que, por conter os saltos  
Ao coração — por ver quedas em sobressaltos  
Em que dubio tremia, entrei a repetir,  
A repetir sem conta, entrei a repetir:  
"Está alguém a bater à porta do meu quarto;  
Está alguém, certamente, à porta do meu quarto;  
Alguém que me procura e quer falar. De certo,  
Alguém, que, sem querer, se atrasou. Pois que mais  
Pode ser?... E alguém. Há de ser. E, de certo.  
E de certo, isto mesmo. Há de ser. Nada mais".

A alma se me aquietou assim; e, então, perdendo,  
Pardendo a hesitação, afio fui dizendo:  
"Quem quer que vós sejais, ou senhor ou senhora,  
Vossa perdiço aqui sinceramente implora  
Quem, quase a cochilar, confessou, e tão de manso  
Entendo vós à porta, à porta tão de manso  
Baixando, tão de manso, à porta do seu quarto,  
Mal pude perceber que à porta do seu quarto  
Bateis". Neste ponto, à porta dirigindo  
Os passos, neste ponto, agor, eu, acudindo  
A porta, no enfrentá-la, abri-la pronto busco;  
De braço estendido, no tocar-lhe os humerais,  
Encarco-a de vez num movimento brusco:  
Li fôrta, a escuridão. E só. E nada mais.

E dessa escuridão, cravando o olhar no fundo,  
A revolva-lá estige, a revolver-lhe o fundo,  
Surpreço, apavorado, hesitante, a sonhar  
Súchos, que não ouviu ninguém jamais sonhar.  
Ali o silêncio, mudio: o mesmo sempre. E a treva.  
Caiada em frente a mim, nenhum indício a treva  
Me dava. Dela só, somente me chegava,  
Me chegava ao ouvido em voz, que o murmurava,  
Um nome, e em murmurio, um nome só, Lenora!  
Ela eu que o murmurava; ela eu, e já Lenora  
Ela o é a responder. Lenora repetindo;  
Palavra, que só eu, na treva, entre as letais  
Armarias da incerteza, em sonhos me afundando,  
Pela a reperir. Só isso. E nada mais.

Voltando ao quarto, então, com a alma em fogo a arder,  
Com pouco ouvi de novo, ouvi baixo bater,  
Bem de leve outra vez, mas mais alto um pouquinho.  
Mais alto desta vez, mais alto um baixinho.  
"E, com certeza, "eu disse", é com certeza, agora,  
Uma coisa qualquer, que bate lá de fôrta  
Nô, gelosias. E. Mais será?... Quem n'ô sabe?...  
Quem sabe que mistério há nisto? Quem n'ô sabe?...  
Socoga, coração! e deixa-me que o veja;  
Qui, por meus olhos, sonde o que fôr ali esteja;  
Qui, sonde o que isso fôr; que o sonde por meus olhos;  
Qui o mostre ao meu pavar, e, em linhas naturais,  
O fato ponha à luz, mostrando o claro nos olhos.  
E, com certeza, o vento. O vento é nada mais".

Para o janelão, pois, crescendo, eu a escancaro;  
E qual o olhar firme, logo a vulto deitar  
De um corvo senhor! dos bons tempos de outrora,  
Que, da lufada em pôs, entrando lá de fôrta,

## VII

### Segunda tradução de João Kopke (em verso)

E circungráa e paira e se vai, por fim, pôr,  
Sem saudar, sem deter-se ou pausar, se vai pôr.  
Com ares de fidalgo ou fidalga, assentado  
Bem por cima da porta, ao alto empoleirado  
Da porta do meu quarto, em um busto de Pallas;  
Alcandorado ali, sobre o busto de Pallas;  
Alcandorado ali, do branco busto em cima;  
Do branco busto sobre as formas divinas.  
Nesse busto pausou, que a minha porta encina.  
Pousou, deixou-se estar. Só isso, e nada mais.

Ao ver dessa ave negra o modo assim severo,  
Ao ver com que decoro e com que porte austero.  
Ali, de frente a mim, tão grave procedia,  
Desfez-se num momento aquela fantasia.  
Que a mente me assaltara, e transmudou-se em rizo.  
"Embora", disse eu, pols, dando expansão ao rizo,  
"Embora", embora, cerce o seu penacho veja,  
Não querer quer tal à covardia seja,  
Taxada punição. Não é um velho corvo,  
Repelente e fatal, que foges ao céu torvo.  
Certo, um titão tem e fôrtes de grandeza;  
Tens estripe e braços nos relhos avernares.  
Dize, pols, qual seu nome entre a ilustre nobreza  
De Plutão?" E tornou-me o corvo: "Nunca mais".

De pismo me tomei ao ver com tal claridade  
Falar essa ave horrenda, embora, com certeza.  
Sentido não tivesse, ou pouco ou nulo alcance,  
A resposta, que deu assim tão de relance.  
De pismo me tomei, porquanto ninguém pode  
Fugir a concordar, ninguém na vida, pode.  
Dizer que outro mortal já tivesse a ventura  
De ver pausar uma ave, ou outra criatura.  
Ao alto, sobre a porta, a porta do seu quarto;  
Sobre busto, que encime a porta do seu quarto;  
Pousar, deixar-se estar e nada mais; uma ave  
Horrendo, que viesse, afrontando hibernais  
Rigores de procela, a noite, austera e grave.  
Dizer-lhe que no inferno a chamam. Nunca mais.

Assustou-me resposta assim tão bem cabida,  
Que rompeu a mudez até si mantida.  
Assustou-me a resposta; e, então, para explicá-la,  
Eu me puz a dizer qual quem a medo fala:  
"Nestas palavras só consiste certamente  
O seu vocabulário; e, nelas, inconsciente,  
Reproduz o que ouviu. Com certeza, a algum dono  
Infeliz pertenceu. Pode ser que a algum dono  
Tivesse pertencido, a quem com telmose  
Perseguiu-se a desgraça, e, na monotonia  
Desse estribilho só, distração procurasse  
As dores, que gemia — as dores sem iguais.  
Do seu sofrer, e a máguia nos lábios lhe levava,  
Por desabado e alegro, o grito: "Nunca mais".

No entanto, o corvo, só, pausado sobre o busto  
Quedo, pausado e só, dali de sobre o busto.  
Não me deu mais que tal resposta, em que pausou.  
Talvez tôda a sua alma. E nem ao que dissera  
Mais nada acrescentou. Nem uma só das penas  
Moveu. Não mais moveu de leve uma das penas.  
Que fôsse, a não sei quando em mal e mal, baixinho.  
E murmurou, talvez, mas baixio, bem baixinho:  
"Em antes dele já perdi muitos amigos;  
Perdi tanto, sim, por várias vez, amigos,  
Que foram sem retorno. Iria ele também.  
"Sem retorno, assim como os caros ideais  
A esperava se foi, e, com o dia que vem,  
Este ira". Grauia o corvo apenas: "Nunca mais".

Porém, mais uma vez, essa ave transformando  
A tristeza à minha alma e em rizo a transmudando.  
Fix rodar um assento e deu o puz em frente,  
E do busto e da porta em face justamente.  
Bem de frente lho puz; e o corpo, no veludo,  
Toda o peso largando afundei; e já tudo.  
Que estivera a pensar — ideia ou fantasia,  
Começou a prender com êlos, que queria  
Jungidos, para ver que semido quisera  
Aquela, para omiuosa a resposta, que dera.  
Inclinar; para ver se encontrava o sentido  
Que essa ave de feições e gestos espetaculares  
Na resposta pausava; — achar cum que sentido  
Na crucifera dita apenas: "Nunca mais".

Faro tal, eu, sentado, a rever, mas comigo,

Os anjos all fizeram  
Esta cama cristalina;  
E embalando-a, adormecem  
A pobre moça menina.

Iria dorme sonhando  
De-baixo déguia, que, ao vê-la,  
Com leves passos andando  
Janias acudiu a douçal...

Segui-a-lhe, enfim, o choro  
Que dos olhos se desata.

O que vira, fiquei, mas a sôs, só comigo,  
Sem palavra sequer dirigir à apoureira  
Ave, que, com o olhar, qual rubida fogueira,  
O amago ao coração me estava requeirando.  
No coxim que o clarão da luz como um olhar  
De cupidez voraz descia a iluminar.  
Eu, a gosto, escravava o que quisera o corvo  
Dizer no seu falar, que tinha em tanto estrevo.  
A fácil compreensão. Nesse coxim, agora,  
A fronte eu descanava, em que d'Elas jamais  
A fronte pausaria qual se pausava outrora.  
Não mais se pausará, oh, nunca, nunca mais!

Como que o ar então me pareceu mais denso;  
A modo que um perfume ali pairou de incenso.  
Que, em turínero vaso, ao ar silente alegrem  
Serafins, cujos pés em cadence recassam.  
A alentia, que o chão do meu quarto alaia.  
E, pols, a inspiração, que sobre mim baixava.  
Cedendo, a me expor ao pavor, que sentia.  
Contra mim revoltado, em alta voz dizia:  
"Desgraçado! Teu Deus, teu Deus, por estes azes  
Teu Deus trégua te dás; teu Deus, por estes azes  
Remédio à dor te manda. Esquece de Lenora  
A perda, e empíria a face, em que as dores mortais  
Tu podes afogar. Rixa dessa Lenora  
Na mente o nome". E grava o corvo: "Nunca mais".

"Profeta", eu disse então, "ave ou demônio sejas.  
Profeta mesmo assim e como quer que o sejas!  
Pelo Céu, que nos cobre, e o Deus, que veneramos  
Por todo quanto os deus por mais caro prezamos.  
Dize, dize à minha alma, a que a dor tanto preza.  
A alma, que esta saudade infinita e crua gema,  
Dize por compaixão se, no Edén distante,  
Em seus braços verá a Virgem fulgurante;  
Aquele Virgem santa, a que, no céu, Lenora  
Chamam, e que ninguém na terra chama agora;  
A Virgem, por quem peno — a Virgem, que a saudade,  
Me traz sempre na mente em sonhos perenais!  
Oh, dize se tem dia abraçá-la, em verdade.  
Lá no Céu, poderá?" E o corvo: "Nunca mais".

"Profeta, eu disse então, "ave ou demônio sejas,  
Profeta mesmo assim! Quer vindo aqui tu sejas  
A tentar-me, ou lançado o copo das barbasas  
Te houvesse a esta plaga — affito, mas das vacas  
Do desespero livre; — ao ermo desta plaga,  
Que um poder infernal no seu effuso alaga;  
Ao solo deite lar, onde o terror domina —  
Se tem a dor, que assim saudade me propria.  
Lenitivo, que a acalme, oh, di-lo, que l'implore!  
Oh, dize-me se tem este luto, em que chorar.  
Trégua, que ao meu sofrer as torturas abrange;  
Lenitivo, que à dor embete os seus punhais.  
E, à saudade, que peno, o esquecimento matre.  
Oh, di-lo, corvo, di-lo!" E o corvo: "Nunca mais".

"Que seja essa resposta a nossa despedida;  
Ou ave ou tentador! bradei com a voz erguida.  
Num salto em pé me pondo. "Oh, volta à tempestade!  
Volta a noite do inferno! Em minha soledade.  
Que eu fique sempre só! Não deixes uma pena.  
Nem uma pena só, nem uma negra pena.  
Das tuas, em penico dessa mentira atrô.  
Que acabas de afirmar com refalada voz!  
De sobre o busto saí! O vulto, ela, retira  
De sobre a minha porta! O acusado bico traia  
Daqui o coração, onde o cravaste! Oh, vai-te!  
Entra e desça em paz meus tristes penetrais!  
Ou ave ou tentador, deixa-me em paz! Oh, vai-te!"  
E, inóvel, diz o corvo apenas: "Nunca mais".

E, sem mais se mover, ali se tem pausado.  
Inóvel sempre, o corvo; ali, alcandorado  
Da Pallas sobre o busto — erguido ao alto — acima.  
Da porta do meu quarto — e mudio e quedo a encima.  
E os olhos seus sózinhos os olhos de um demônio:  
Acos a inquirir — sózinhos de um demônio!  
E, da lâmpada a luz, sobre êle em cheia desce  
O clarão com fulgor, que vivo resplandece,  
E lhe estampa no chão a dura e negra sombra!  
E minha alma, oh, horror! da treva dessa sombra  
Que flutua no chão pairando eternamente.  
Minha alma do negor, que os giros infernais  
Adensam no voar, que pulta eternamente.  
Nunca mais se há de erguer! Ai, muncal, muncal mais!

("Revista do Brasil" — Vol. IV — Janeiro-Abri  
de 1917 — págs. 71-83).

NOTA: Veja, neste mesmo volume, as páginas 111,  
51, 60 e 111.

Tem consigo a agulha de ouro  
Mais o seu decal de prata.

Uma cosa acho estranha, ainda. E que Afonso  
Lopes Vieira tenha confundido as duas versões. Se ele  
can ou, nas trevas, anima, a moça que foi lamenada  
no río, por como epigráfe aos seus versos um distico  
do romance de São "Ira, que em nas "Vivem a  
minha terra", de Garrett, romance que é alusivo  
outra satisfação de mesmo nome.

Mas, enfim, os poetas são soberanos no seu reino  
e só nos, só nos, cabe acatar o respeitar esse deslizamento  
sagrados...

infeliz notar; é a ela, também, que se referem aquelas  
duas quadras de Afonso Lopes Vieira:

Iria, livre da máguia  
E do mundanal dêgo,  
Dorme no fundo do Tejo,  
Venerada ao longo da agua.

Sempre pura, sempre linda,  
Alva, loira, virgem,  
Iria repousa ainda  
No sepulcro de cristal.

# Virgilio Melo Franco

Na sexta-feira, 29 de outubro findo, dia em que o Brasil comemorava o transcurso de segundo aniversário da libertação da tirania — tombou sem vida, vítima do mais estúpido crime, o líder udenista Virgilio de Melo Franco.

O assassinio foi perpetrado às 4:30 da madrugada, por um antigo coopeiro de Virgilio Melo Franco, o indivíduo Pedro Pereira Santiago. Despedido da casa da família Melo Franco por se haver aventureado a solicitar com demasiado ardor os amores de uma criada, fôr despedido. Para vingar-se, resolreu assaltar a casa de que fôr coopeiro. Assaltou-a a primeira vez na ausência de Virgilio de Melo Franco, e de lá carregou duas bolsas recheadas de dinheiro e um revólver de uso do dono da casa. Voltou para um segundo assalto. Foi então pressentido por Virgilio Melo Franco, e, quando subia uma escada que conduzia da sala de visitas ao quarto do casal, repelido a tiro. Respondeu, disparando uma espingarda de caça, de propriedade de seu antigo patrônio, que momentos antes havia roubado. Desses atros duelos tombaram sem vida ambos os contendores: o assaltante com o coração varrido, nos primeiros degraus da escada que tentava subir; Virgilio com o fígado perfurado, na porta do seu próprio quarto de dormir.

O enterro realizou-se à tarde daquela triste dia, e no cemitério de S. João Batista, à beira do túmulo, fizeram-se ouvir os srs. Prado Kelly, que falou em nome da UDN, partido político cujo chefe em Minas Gerais era Virgilio Melo Franco; Pedro Aleixo, que leu as despedidas do governador de Minas Gerais, sr. Milton de Campos; Lopes Cinçado, pela bancada udenista na Câmara Federal; e o ministro Ribeiro da Costa, em nome dos amigos colegas de Virgilio na Faculdade de Direito.

Virgilio Melo Franco nasceu em Ouro Preto, em 1897, e era filho de Afrônio

de Melo Franco, e neto, pelo lado materno, de Cesário Alvim. Formou-se em Direito em 1918, e no ano seguinte via-se eleito deputado estadual em Minas Gerais. Tomou parte no movimento revolucionário que agitou o Brasil em 1930, e do qual resultou a vitória do sr. Getúlio Vargas. Foi, porém, partidário da constitucionalização do país em 1932, e de todo se separou do sr. Getúlio Vargas em 1934. Fez parte da Constituinte reunida aquela ano, e não quis deixar de dar o seu depoimento de homem livre, partidário de ideais democráticos, ao ver o rumo ditatorial que o governo do seu amigo ia tomando. Foi, em 1944, um dos signatários do Manifesto dos Mineiros, do qual é um dos autores. Foi também um dos fundadores da União Democrática Nacional, par-

tido cuja secretaria geral exerceu, e do qual, como já dissemos, era o chefe na seção de Minas Gerais. Era casado com D. Dulce Boa-Vista de Melo Franco, não deixando filhos.

Ao lado de sua atuação política e parlamentar, Virgilio Melo Franco teve também certa atuação jornalística, e mesmo literária. Em 1925 fundou com Azevedo Amaral e Tristão da Cunha, o matutino *O Dia*; em junho passado fundou a revista *Política e Letras*, que já tem feito circular duas dezenas de números.

Deixa dois livros: — Outubro de 1930, volume em cujas páginas é estudada a gênese e o desenvolvimento da revolução que levou ao poder o sr. Getúlio Vargas; e um relatório, feito como secretário geral da UDN, e no qual dá conta das atividades desse partido político.

## Bibliografia de

## Luiz Figueira

(Conclusão de pág. 137) gratidão e submissão por Joaquim da Silva Guimarães, natural da Bahia... Bahia, Tipografia de Manuel Feliciano Sepulveda, in-8º gr. de 6 ff. não num., VI-105-12 pp. num., 2 ff. não num. No fim traz: Bahia, Tip. de B. Sena Moreira, 1853.

— Gramática da língua do Brasil europeu pelo p. Luis Figueira, novamente publicada por Julio Platzmann, laureado da Sociedade Americana de França. Fac-simile da edição de 1887. Leipzig, B. C. Teubner, 1878, in-8º. No fim lê-se: Imprimido na Oficina e Fundição de W. Drugulin, em Leipzig.

— Arte de gramática da língua brasileira do padre Luis Figueira, teólogo da Companhia de Jesus. Lisboa, na Oficina de Miguel Deslandes, ano de 1687. Com todas as lições necessárias. Nova edição dada à luz e anotada por Emílio Alain. Rio de Janeiro, Tipografia e Litografia a vapor de Lombaert & Cia., 1880, in-8º de 156

pp. num. e 1 ff. de errata.

— A Grammar and Vocabulary of the Tupi Language. Partly collected and partly translated from the works of Anchieta and Figueira, notes Brazilian Missions, by Lobo Luccoco — Rio, 1881, 4º de 236 pp. Na folha de rosto Luccock escreveu: "This Grammar is not sufficiently digested and is arranged badly".

Vem no tomo XLIII, parte 1.ª, da Revista do Instituto Histórico (1880).

Soriano Leite, Luis Figueira. A sua vida heróica e a sua obra literária. Agência Geral da Colônia. Lisboa, 1940. 231 págs.

Contém numerosas reuniões de p. Luis Figueira.

## A POROROCA

(Conclusão de pág. 137) neira os que usão com a aguia com destreza se mete na canoa e só trata de endireitar sempre co a corrente; e de outra maneira em breve tempo os leus a fura da maré mui longo caminho; ainda que esta ualenta não a fazem senão indios em canoas ligeiras e descarregadas: porém os mais que ande encontrar a corrente, ou se mete em algum estreito ou riaço até que passa a Pororoca, cujo estrondo se ouve de mui longe, ainda que quando já se ouve não tarda muito, ou esperando a Pororoca, como já disse de pois de passar aquela furia das 3 primeiras ondas, se usão remando contra a corrente, em que já não há perigo.

(Soriano Leite — Luis Figueira — Lisboa, 1940).

## FARIA NEVES

(Continua na página 148) para ele, diríamos que eram seus irmãos um Augusto de Lima ou mesmo um Raimundo Correia — aqueles que allam à tristeza natural da alma dos poetas a capacidade e a finura da mediatação filosófica.

Recebe reconhece que possui, no autor de *Pôr do Sol* e de *Nolte* um dos representantes de sua mais bela e eloquente poesia. E' digna de apolo, pois, a iniciativa dos que agora se dispõem a pôr em uma das praças da capital pernambucana o busto de Faria Neves Sobrinho.

## Raridades de Raimundo Correia

### PEROLAS...

(No álbum de d. Amelia Mariano de Oliveira).

Não nascem no rio as pérolas:

— A água do rio é tão dôce. Que, para as poder gerar, Mistério seria que a pérola Uma lágrima não fosse. E esta expressão de um [pesar.

Vem do oceano amargo a [perola:

— Na água do rio há doçura, Amarguras na do mar.

Sinceras lágrimas — pérolas Verdadeiras — que amarigam [figuras.

Preciso é para as chorar!

## ESTRELAS DE PÓ

A poeira zume em rajadas, Remoinhos e borboreias; Faisca o sol nas calçadas, Em crúas verberações.

O azul tem reflexos de aço; Fuma a cal dos muros nus; Saltam chispas ao mormaço, E há trombas de poeira e [luz...

A poeira, que o sol acende E o tufo vem levantar, Em torvelins de ouro esplende E em fulvas colunas no ar...

Mas chove; e a poeira, caída No chão, toda é lama só... Tudo é assim nessa vida, Fáturas estrelas de pó.

## O AMOR

O amor — abstruso fenômeno. Em vão disserta o doutor, Com ênfase e categórico, Tentando explicar o amor.

Leva a mão à testa — abóbada Da sabedoria interior: Esfalfa-se, perde os óculos, Cai-lhe em bagas o suor...

Não no entendem os discípulos.

E as disciplinas, pior: Bocejam de tédio ou riem-se, Cochichando em redor

E eu, simples pastor, que frustie, So sei cantigas de cár. Na pobre avena, eu, sem fôlida

Me faco entender melhor.

## Seleções de Bernard Shaw

Bernard Shaw, prêmio Nobel de Literatura em 1922, vai ficar como um dos escritores mais representativos desta primeira metade do século XX. Sua celebridade é hoje universal. E ele é pela opinião unânime de leitores e críticos, o rei do sarcasmo.

As Edições Melhoramentos vão lançar em breve, em traduções de bons autores brasileiros os mais belos trabalhos de Shaw. Entre aqueles que já estão sendo traduzidos, e que dentro de pouco tempo devem aparecer nas livrarias contam-se os seguintes:

"Pigmalião", "Saint Joan", "Candida", "César e Cleópatra", "Man and Superman", "Androcles and the Lion", "The Man Destiny", "Mrs. Warren's Profession", "Major Barbara".

## TODA A POESIA DE GUILHERME DE ALMEIDA

Entre as obras que a IPE, de S. Paulo, tem a lançar, em breve, destaca-se *TODA A POESIA*, de Guilherme de Almeida. A edição foi organizada num só volume de 700 páginas, em fantástico papel "biblia", sendo a primeira vez que se produz no país uma obra gráfica nesse sentido.

## CLASSICOS JACKSON

(Conclusão da página 144) os editores o volume intitulado *Minha Formação*. E a autobiografia entre todos fascinante, pois em suas páginas vemos refletir-se o esplendor da maior das almas, da mais sedutora da literatura: a alma e a vida do grande diplomata e abolicionista brasileiro. O prefácio da edição é devido a D. Carolina Nabuco, filha de Joaquim Nabuco, escritora emblemática que já nos deu sobre de seu glorioso pai um livro modelar.

Ai está, em rápida informação, o que é a coleção dos Clássicos Jackson.

Pelo que deixamos escrito, podem os leitores avaliar o valor da contribuição preciosíssima que à cultura brasileira acabam de oferecer os organizadores dessa esplêndida galeria.

## A VIDA DOS LIVROS

(Continuação da pág. 143) inerente importância que têm na evolução do saber humano?

\*

ALENCAR, José — *As Minas de Prata* — 2.ª ed. — Edições Melhoramentos — São Paulo, s. d. (1948). 1051 páginas.

E a 2.ª edição que a Companhia Melhoramentos de São Paulo, em sua preciosíssima coleção das obras completas de José de Alencar, nos dá desse romance histórico. As Minas de Prata são consideradas o melhor romance, o mais bem construído e o mais poderoso de nosso grande escritor. A edição atual encontra-se em um volume só os três volumes que formam, nas edições comuns, a obra.

BANDEIRA, Manuel — *Guia d'Ourso Preto*. Traduction, notes et biographie par Michel Simon. Illustrations de Luis Jardim. Ministério das Relações Exteriores. Serviço de Publicações. Rio, 1948. 188 pp.

CASTRO, José — *Fundação Social das Universidades* — Gráfica Rio, 1948, 11 pp.

E' o discurso que o autor pronunciou na solenidade de sua posse na cátedra de Geografia Humana da Faculdade Nacional de Filosofia da Uni-

versidade do Brasil, em 14 de junho do ano corrente.

KINER, Grace — *Os homens de Antíope* — Tradução de José Reis. Ilustrações de Kathleen Frantz — Edições Melhoramentos — São Paulo, s. d. (1948). 408 págs.

E' um livro destinado aos jovens, no qual se ensinam os segredos da pré-história e da arqueologia. Ornado de 43 desenhos de animais e coisas abrangendo os seguintes capítulos: As origens do homem, O homem das cavernas, Os primeiros pescadores, Os primeiros arqueólogos, Os primeiros ferreiros, Os primeiros comerciantes, Os primeiros soldados e As primeiras raças humanas.

PIMENTEL, J. F. de Barros — *O Problema do Petróleo no Brasil* — Rio de Janeiro, 1948, 15 págs.

O Embaixador Pimentel visitou, em abril de 1948, o poço petrolífero de Lobato, na Bahia. E' a descrição do que ali viu, acompanhado de longos e elucidativos comentários, que encontramos neste seu trabalho.

QUINTANILHA, Dircos — *Novos Mundos em Vila Velha* — Contos — Capa de Percy Deane — 1948 — 115 págs.

## FERREIRA DE ARAUJO

(Continuação da pág. 145) demia, foi o deles um dos menos lembrados para fazer parte do quadro inicial. Não aceitou, porém, o convite que lhe dirigia Lucio de Mendonça, a fim de tomar parte nos trabalhos preliminares, e por isso deixou de fazer parte da instituição.

Ferreira de Araujo faleceu nesta Capital, em 21 de agosto de 1900. Em 4 de agosto de 1912, foi inaugurado, no Passeio Público o seu busto em bronze, e o anexo na cerimônia Felix Pacheco.

Usou na *Gazeta de Notícias* (1887) os seguintes pseudônimos: Luíz Senior (Balas de Ental), José Telha (Macauinhos no Sôfio).

E patrono da Academia Caetiana de Letras.